Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)

Geografia:

A superfície do planeta Terra em análise 2

Atena
Editora
Ano 2022
Adilson Tadeu Basquerote
(Organizador)
Geografia:
A superfície do planeta Terra
em análise 2

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Bruno Oliveira
Camila Alves de Cremo
Luiza Alves Batista
Natália Sandrini de Azevedo
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

CIÊNCIAS
HUMANAS
E SOCIAIS
APLICADAS

Atena
Editora
Ano 2022

Geografia: a superfície do planeta Terra em análise 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adilson Tadeu Basquerote

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia: a superfície do planeta Terra em análise 2 / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0751-5
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.515220411

1. Geografia física da Terra. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 910.02

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

APRESENTAÇÃO

A obra: “**Geografia: A superfície do planeta Terra em análise 2**”, apresenta pesquisas que se debruçam sobre a compreensão dos fenômenos sociais, os processos de ensino e de aprendizagem, nas suas distintas dimensões, apresentando como pano de fundo as ações humanas como campo de estudo e reflexão. Composto por relevantes estudos que debatem temáticas que envolvem atualidades e que permitem olhares interdisciplinares sobre a Ciência Geográfica.

Partindo desse entendimento, o livro composto por seis capítulos, resultantes de estudos empíricos e teóricos, de distintos pesquisadores de instituições e regiões brasileiras e uma cubana, apresenta pesquisas que interrelacionam Ciências Humanas às pessoas e às relações sociais no centro da observação, da teoria, da pesquisa e do ensino. Entre os temas abordados, predominam análises sobre o turismo, desenvolvimento territorial, rock e música, Geotecnologias, metodologias ativas, geotecnologias, entre outros.

Nessa perspectiva, o capítulo número um, **O TURISMO RELIGIOSO COMO ALTERNATIVA ECONÔMICA: ESTUDO DE CASO DO COMPLEXO TURÍSTICO DE SANTA RITA DE CÁSSIA EM SANTA CRUZ/RN**, escrito por Erick Luiz Medeiros da Costa, José Jadson dos Santos Silva que analisou o turismo religioso como uma alternativa econômica para o município potiguar de Santa Cruz, bem como seus impactos positivos e negativos, e seu real efeito para a economia desta cidade. Os autores concluíram que o complexo turístico dinamiza a economia local a partir de incentivos feitos pela Prefeitura, pela Secretária Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico e pelo SEBRAE.

O capítulo número 2, **REFLEXÕES GEOECONOMICAS A PARTIR DA PANDEMIA DO COVID 19: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O BRASIL**, redigido por Paulo Ernesto Lopes Rickli e Sandra Lúcia Videira Gois analisou de maneira geral os indicadores socioeconômicos do Brasil a partir da pandemia do Covid-19 e relacionou com o período anterior para refletir sobre as implicações da pandemia, além de relacionar a necropolitica com as políticas adotadas no país. Os dados evidenciaram que as políticas adotadas foram pouco eficientes para a economia do país, com queda do Produto Interno Bruto (PIB) e aumento do desemprego, dentre outros.

Modelo de Ordenamiento Ambiental Sostenible en Ecosistemas Frágiles de Montaña: Un Estudio de Caso en Guantánamo, Cuba é o terceiro capítulo escrito por Náyade Sainz Amador, Lic. Luisa Gertrudis Montoya Cotilla, Adilson Tadeu Basquerote, Guillermo Lemes Mojena e Eduardo Pimentel Menezes. Nele, os autores é propõem um modelo de gestão ambiental sustentável em explorações agrícolas de agroecossistemas de montanha, apresentando propostas de utilização por cada sistema ambiental, que contribuam para a sustentabilidade do desenvolvimento nas práticas agrícolas. Revelou-se a possibilidade de incorporar a dimensão ambiental no processo de ordenamento do

território, que fornece propostas de uso ambientalmente recomendado, de acordo com seu potencial, recursos disponíveis e sua resiliência às Mudanças Climáticas por meio de um SIG.

Com objetivo compreender as interfaces dos territórios fluídos elaborados por estes festivais independentes, em sua composição material, que considera a música como um produto comercial e também como experiência simbólica, por grupos culturais minoritários que se expressam na espacialidade por meio de suas dinâmicas culturais, em específico, por meio da música, quarto capítulo, denominado: **O Rock Independente Em Terras Sertanejas: Territorialidades Da Música Alternativa No Interior De Goiás**, é apresentado por Marcos Roberto Pereira Moura. Nele, o autor concluiu que produtores musicais e público compõem uma paisagem urbana diferenciada nas cidades do interior goiano, trazendo uma nova identidade, contraditória ao estilo sertanejo, afirmando a constituição de novos territórios, ainda que efêmeros. Acreditamos que tal pesquisa nos possibilitará o contanto com grupos culturais, abrindo caminho para a possibilidade de reconhecer formas alternativas de produção e apropriação do espaço urbano quanto às práticas culturais.

No quinto capítulo, **@LLAKI: PRODUÇÃO DE SOFTWARE BASEADO EM DADOS GEOMÁTICOS DA FRONTEIRA**, Rodrigo Freire dos Santos Alencar e João Batista Alves de Souza criaram por meio @llaki um sistema de informações geográficas para divulgação do turismo na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Os autores concluíram o produto f=gerado pelo @llaki é uma fonte confiável e segura de todos os locais cadastrados, promovendo a visibilidade de regiões que não estão inseridas em mecanismos de pesquisa, proporcionando maior alternativa para a população turística e regional.

No sexto capítulo, Damião Amiti Fagundes e Ana Eugenia González Chena apresentam a pesquisa: **METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM: A UTILIZAÇÃO DO APLICATIVO MAPCHART EM SALA DE AULA NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA**, que avaliou que práticas exitosas em sala de aula realizadas pelo aplicativo MapChart, pode ser uma forma de valorizar a disciplina de Geografia no mundo da Cultura Digital. Os autores constataram que por meio de práticas motivadoras podemos resgatar o papel da Geografia enquanto disciplina central do processo de ensino aprendizagem.

Para mais, destacamos a importância da socialização dos temas apresentados, como forma de visibilizar os estudos realizados sob dissemelhantes perspectivas. Nesse sentido, a Atena Editora, se configura como uma instituição que possibilita a divulgação científica de forma qualificada e segura.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

O TURISMO RELIGIOSO COMO ALTERNATIVA ECONÔMICA: ESTUDO DE CASO DO COMPLEXO TURÍSTICO DE SANTA RITA DE CÁSSIA EM SANTA CRUZ/RN

Data de aceite: 01/11/2022
Data de submissão: 21/10/2022

Erick Luiz Medeiros da Costa
UNINASSAU
Natal – RN
http://lattes.cnpq.br/8131090596807430

José Jadson dos Santos Silva
UFRN
São Bento do Trairí – RN
http://lattes.cnpq.br/4613929368777279

RESUMO: Este artigo pretende fazer uma discussão, colocando o turismo como uma alternativa econômica para o complexo turístico de Santa Rita de Cássia localizado na cidade de Santa Cruz/RN, partindo de um contexto em que se pretende mostrar as várias dimensões do espaço geográfico, se apropriando deste para posteriormente explicar a dinâmica econômica gerada pelo turismo local. Tem como objetivo analisar o turismo religioso como uma alternativa econômica para Santa Cruz/RN. Como metodologia, foram feitas pesquisa bibliográfica, análises de documentos oficiais da Secretária Municipal de Turismo e de outros órgãos oficiais de governo, e uma pesquisa de campo para acompanhar mais de perto a dinâmica da cidade.
PALAVRAS-CHAVE: Turismo Religioso. Economia. Complexo Turístico. Santa Cruz/RN.

RELIGIOUS TOURISM AS AN ECONOMIC ALTERNATIVE: CASE STUDY OF THE SANTA RITA DE CÁSSIA TOURIST COMPLEX IN SANTA CRUZ/RN

ABSTRACT: This article discusses tourism as an economic alternative, with specific reference to the Santa Rita de Cássia tourist complex in the city of Santa Cruz/RN. It uses as its framework an analysis of the various dimensions of the geographical space as factors in explaining the economic dynamics generated by local tourism. The article's main objective is to analyze religious tourism as an economic alternative in Santa Cruz/RN. The methodology includes bibliographic research, analysis of official documents held by the Municipal Secretary of Tourism and other official government agencies, and field research to more closely observe the dynamics of the city.
KEYWORDS: Religious Tourism. Economy. Tourist Complex. Santa Cruz/RN.

1 | INTRODUÇÃO

O que seria turismo? E o que seria turismo religioso? Ambos são muito importantes para a economia de várias cidades espalhadas pelo mundo. É uma atividade que pode ser bastante lucrativa e benéfica para o desenvolvimento econômico, social e cultural de uma região.

Por todo o planeta existem locais sagrados onde as pessoas estão sempre em busca de paz interior e de encontrar, de certa forma, o sagrado. Neste sentido, pode-se destacar locais pelo mundo como Nossa

Senhora de Fátima em Portugal, São Francisco de Assis na Itália, Lourdes na França, Vaticano, Meca na Arábia Saudita.

No Brasil, existem "celebrações" e locais que também têm grande importância religiosa e econômica, e, inclusive, com visibilidade mundial. Pode-se destacar os seguintes: Aparecida em São Paulo, o Ciro de Nazaré no Pará, o Padre Cícero do Juazeiro na cidade Juazeiro do Norte (Ceará).

Trazendo essa realidade para o estado do Rio Grande do Norte, podemos elencar pontos que têm grande importância religiosa e econômica para alguns municípios. Destacam-se a festa de Santana em Caicó/RN, o Monte do Galo em Carnaúba dos Dantas, o Monte de Nossa Senhora das Graças em Florânia, e o Complexo de Santa Rita de Cássia em Santa Cruz.

Diante do processo de globalização, o mundo está se tornando cada vez mais interligado. A informação está bastante acessível, e todos, ou quase todos, podem conhecer novas cidades sem nem mesmo saírem de casa. Essa visita virtual faz com que muitos acabem visitando pessoalmente também. Os motivos dessa visita podem ser diversos – por negócio, por lazer ou por religião. Esse fluxo de pessoas ajuda na dinâmica econômica de vários municípios brasileiros.

2 | OBJETIVOS

Este artigo tem como objetivo analisar o turismo religioso como uma alternativa econômica para o município potiguar de Santa Cruz, bem como seus impactos positivos e negativos, e seu real efeito para a economia desta cidade.

3 | METODOLOGIAS

Utilizou-se como metodologia para a elaboração deste artigo pesquisa bibliográfica, entrevista a Secretária de Turismo de Santa Cruz/RN, Marcela Pessoa (turismóloga e especialista em gestão de projetos e políticas públicas), além de dados da Secretaria Estadual do Turismo e do Ministério do Turismo, bem como pesquisas realizadas pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). Também serviram de base sites confiáveis como o do EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) e reportagens sobre o turismo religioso. E por último foi realizada uma pesquisa de campo para se coletar informações sobre a relação do turismo religioso com a cidade de Santa Cruz/RN.

4 | TURISMO E PEREGRINAÇÃO

Segundo (Alves, 2007), o turismo se impõe como uma das principais atividades do mundo globalizado, constituindo-se em um dos setores que mais emprega pessoas e gera alterações econômicas, políticas, culturais, sociais e ambientais nos municípios que

recebem turistas.

Basicamente, o turismo surge a partir do fluxo de pessoas e está sempre em transformação, já que as localidades estão sempre inovando e tentando criar formas de atrair visitantes. Para que ele funcione bem, é fundamental que as cidades turísticas antes de terem um foco econômico, tenham um foco humano, sempre buscando dar conforto e bem-estar às pessoas, dando assim qualidade aos serviços prestados ao turista.

Vale lembrar que turismo é diferente de peregrinação. Este último conceito tem caráter religioso. Segundo (CALVELLI, 2009), o turismo e a peregrinação apresentam-se, em termos analíticos, como duas estruturas de valores distintos. Contudo, estes campos sempre aparecem articulados tornando suas fronteiras bastante fluidas, estruturando novos significados que articulam e se recombinam de várias formas constituindo novos arranjos.

(ABREU E CORIOLANO, 1998, p.83) explicam de forma clara a diferença do turista para o peregrino, que está no motivo da visita. Para o turista, o motivo é o seguinte: desejo de escapar, temporariamente, das pressões da sociedade em que vive, passear e aproveitar a vida. Já para o peregrino, o motivo é este: esperança de aumentar a santidade pessoal, obter benção e curas especiais.

4.1 Turismo religioso

No mundo, há várias cidades famosas por receberem visitantes que as buscam por motivos religiosos. É o caso do Vaticano na Itália (apesar de estar em território italiano, o Vaticano é reconhecido com país), Jerusalém em Israel, Meca na Arábia Saudita e Fátima em Portugal.

No Brasil, o turismo religioso é uma modalidade turística que vem se desenvolvendo ao longo do tempo devido, dentre outros fatores, à formação histórica brasileira. Mesmo tendo o estado laico, o Brasil tem uma cultura muito ligada à religião. Principalmente nas regiões mais afastadas dos grandes centros, as cidades do interior, onde a tradição e os festejos são atributos culturais, como é o caso de algumas cidades do Seridó do estado do Rio Grande do Norte – por exemplo, Santa Cruz/RN.

A OMT (Organização Mundial do Turismo), antiga IUOTO (União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens), afirma que entre os principais motivos de viagens turísticas está o motivo religioso.

No Seridó Potiguar, o turismo religioso ganhou força após a década de 1990, com a crise no setor industrial, na agricultura e na pecuária. De lá para cá, ele vem sendo uma alternativa econômica bastante interessante. Esse crescimento do turismo religioso faz com que a região receba mais investimentos, gere mais empregos e renda, e se destaque nacionalmente, recebendo atenção da mídia.

Nestes locais, não há somente atividades ligadas a religião. Observando a potencialidade do turismo religioso, muitos estabelecimentos surgiram e se desenvolveram. Desenvolveram-se o comércio, a rede hoteleira, o transporte, os restaurantes etc. E é isso

que realmente dinamiza a economia local.

Não só o peregrino visita essas localidades. O turista típico, consumidor de bens e serviços, desenvolve também a economia local. Leite (2000, p. 158) explica bem isso dizendo o seguinte:

> "Aos atos de fé se juntam inúmeras atividades responsáveis pela dinamização de atividade econômica, tais como bares, clubes, feiras de artesanato e comidas típicas, turismo".

Porém, o turismo religioso também tem pontos negativos, observados inclusive em Santa Cruz, e relatados mais à frente.

5 | CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS DE SANTA CRUZ/RN

O município de Santa Cruz foi criando pela Lei nº 777 no dia 11 de novembro de 1876, após se desmembrar de São José de Mipibu/RN. Segundo o IBGE, o município faz parte da Microrregião da Borborema Potiguar e da Mesorregião Agreste Potiguar, e sua população estimada é de 38.142 habitantes (2012). A densidade demográfica é de 61,09hab/Km^2 e a área da unidade territorial é de 624,39 Km^2. De acordo com o PNUD (2010), o IDH-M de Santa Cruz é de 0,635, ocupando a 37ª posição do Rio Grande do Norte. O PIB do município no ano de 2008 era de R$ 141.764.

Santa Cruz está localizada nas coordenadas geográficas: latitude: 6º 13` 46`` Sul e longitude: 36º 01`22`` Oeste, ela tem limites ao: Norte – Sítio Novo, Lajes Pintadas e São Tomé, ao Sul – São Bento do Trairí e Japi, ao Leste – Tangará e Sítio Novo, e ao Oeste – Campo Redondo, Lajes Pintadas, Coronel Ezequiel e São Bento do Trairí.

6 | HISTÓRIA E COMPLEXO TURÍSTICO

O território que hoje é conhecido como Santa Cruz/RN (a 115 km da capital do RN, Natal), terra da maior estátua cristã do mundo (56 metros de altura), foi fundado em 1825 por José Rodrigues da Silva e pelos irmãos Lourenço da Rocha Freire e João da Rocha Freire.

Sua história é marcada pela capela em homenagem a imagem de Santa Rita de Cássia, santa das causas impossíveis e quinta santa católica a possuir mais devotos no mundo.

Santa Cruz possui um complexo turístico que conta com o santuário e a imagem gigante de Santa Rita de Cássia. Esse santuário é constituído por capela, sala de milagres, praça do romeiro, auditório, lojas de artesanato, mirante, restaurante, lanchonete, banheiros e estacionamento.

Ele realiza 4 romarias durante o ano. São elas: romaria da coroa de Santa Rita de Cássia (todo dia 22 de cada mês), romaria Eucarística (segunda quinzena de abril), romaria

Mariana (segunda quinzena de julho) e a romaria da Gratidão (12 de outubro). E realiza, também, missas nas quartas-feiras (16h), sábados (11h), domingos (10h e 14h) e feriados (10h).

Santa Cruz é uma cidade polo do Rio Grande do Norte e atrai pessoas de todo o mundo, o que vem movimentando, principalmente, as empresas de serviço do município.

7 | PERFIL DO TURISTA RELIGIOSO

Em abril de 2013, o SEBRAE (Serviço de apoio às Micro e Pequenas Empresas) fez uma pesquisa que tinha o objetivo de identificar o perfil do romeiro que visita o Alto de Santa Rita no município de Santa Cruz/RN. Nela, utilizou-se como metodologia a aplicação direta de questionários que foram respondidos por 300 visitantes. Observou-se então o que é descrito a seguir.

7.1 Identificação

A maioria dos visitantes é do sexo feminino, o que corresponde a 63,7%. Apenas 36,3% dos entrevistados pertencem ao sexo masculino.

A faixa etária dos entrevistados é bem distribuída, com destaque para o intervalo de 31 a 35 anos de idade (15,2%). A minoria dos visitantes (3,2%) possui de 14 a 17 anos. Os demais intervalos observados foram: 18 a 25 anos (11%), 26 a 30 anos (11,3%), 36 a 40 anos (11,3%), 41 a 45 anos (8,9%), 46 a 50 anos (12,8%), 51 a 55 anos (8,5%), 56 a 60 anos (5,7%) e maiores de 60 anos (12,1%).

A maioria dos romeiros tem naturalidade potiguar (47,5%). E a minoria vem de São Paulo (0,4%) ou Minas Gerais (0,4%). Verificou-se que os romeiros também tinham procedência paraibana (44%), pernambucana (7,1%) e carioca (0,7%).

Quanto à escolaridade, compuseram a maioria aqueles que concluíram o nível fundamental (48,2%) e os que concluíram o nível médio (32,6%), que, juntos, somam mais de 80% dos entrevistados. Os demais tinham ensino superior incompleto (5%), superior completo (11,3%), pós-graduação (1,4%) e especialização (1,4%).

São bastante diversificadas as profissões dos romeiros. A renda mensal mais frequente foi a de 500,00 até 1.000,00 reais (47,5%). A menos frequente foi a de 2.000,00 até 2.500,00 reais (4,2%). As demais rendas mensais verificadas foram: até 500,00 reais (21,8%), de 1.000,00 até 1.500,00 reais (10,3%), de 1.500,00 até 2.000,00 reais (7,3%) e acima de 2.500,00 reais (8,8%).

7.2 Avaliação da visita

A maioria (74,5%) estava visitando a cidade pela primeira vez. Dos que estavam revisitando a cidade, 49,3% acharam que a cidade estava melhor, enquanto 35,6% das pessoas acharam que a cidade permaneceu igual, e 15,1% responderam que a cidade estava muito melhor.

Dos que estavam visitando a cidade pela primeira vez, 94,6% tiveram suas expectativas superadas ou correspondidas. Para 3,9%, suas expectativas foram parcialmente correspondidas, e 1,4% disse que as expectativas em relação à cidade não foram correspondidas.

Um fato bastante positivo para a cidade é que 96,1% dos visitantes pensam em voltar à cidade, e quase todos (99,3%) recomendariam esta cidade a outra pessoa.

O que mais agradou aos visitantes foi a imagem de Santa Rita de Cássia (46,3%), a maior estátua cristã do mundo, seguida pela vista da cidade do alto (11,7%), localização da imagem de Santa Rita (8,6%), clima da cidade (6,8%), cidade (5,6%), igreja matriz (4,9%), organização do alto de Santa Rita (2,5%), acolhimento do povo (2,5%), tranquilidade da cidade (1,9%), missa (1,9%), higiene do local (1,9%), capela no alto (1,9%), entre outros que não alcançaram 1%.

Foram relatas também críticas e sugestões dos entrevistados como estas: a distância do estacionamento até o local em que a imagem está situada; o estacionamento não é coberto e deveria ser calçado; pequena quantidade de banheiros; a estrutura é pequena para a grande demanda; o acesso para pessoas idosas não é adequado; poderia ter opções de passeios; fila muito grande no restaurante; ter uma equipe para receber os visitantes e dar informações; falta opção de comércio local; retirar o lixão da proximidade do santuário; ter banheiro próximo ao estacionamento; ter eventos culturais e religiosos; ter caixa eletrônico; a área da missa deveria ser separada da área de alimentação.

8 | IMPACTOS DO TURISMO RELIGIOSO NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Com o objetivo de avaliar o impacto do turismo religioso na cidade de Santa Cruz/RN, o SEBRAE (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), realizou uma pesquisa de campo em abril de 2013. Essa pesquisa teve como público-alvo as MPEs (Micro e Pequenas Empresas) localizadas em Santa Cruz/RN, e ocorreu por meio da aplicação direta de questionários a 150 MPEs.

8.1 Identificação do entrevistado

Das 150 MPEs, 76,5% compõem o comércio, enquanto apenas 23,5% são de serviços.

8.2 Avaliação do turismo religioso

A maioria das MPEs (54,4%) não teve suas expectativas com relação ao turismo religioso atendidas. 33,8% das empresas tiveram suas expectativas atendidas e 11,8% tiveram suas expectativas superadas.

Pode-se explicar que a maioria não teve as expectativas atendidas pelos seguintes motivos: o turismo religioso não atendeu o comércio local; ele aumentou o aluguel dos

imóveis; a cidade não tem estrutura para esse tipo de atividade; o movimento dos turistas ocorre apenas aos domingos; ele elevou o preço dos produtos; o fluxo de turistas fica restrito à localização da Santa.

9 I PONTOS POSITIVOS PARA A CIDADE

Os principais pontos positivos para a cidade são: visibilidade estadual; aumento do fluxo de visitantes; melhoria de hotéis e pousadas; movimento do comércio; mais restaurantes na cidade.

Podemos destacar como pontos positivos para as empresas o aumento do número de clientes (17,0%), seguido pelo faturamento (8,1%), aumento de vendas (6,7%), aumento do mix de produtos (1,5%) e geração de emprego (0,7%).

10 I PONTOS NEGATIVOS PARA A CIDADE

68,1% dos respondentes afirmaram que existem pontos negativos. Para eles, o aumento da visibilidade da cidade (que foi relatado como um ponto positivo) trouxe como aspecto negativo – roubos e assaltos.

A partir do que foi visto, percebe-se que o turismo não tem muita importância para as empresas. Principalmente para aquelas ligadas ao comércio. 48,5% das empresas afirmaram que o turismo religioso não tem importância, 29,4% disseram que ele é muito importante e 22,1% disseram que ele é pouco importante.

11 I CONCLUSÃO

Observou-se que o complexo de Santa Rita de Cássia (Santa Cruz/RN) é um importante objeto fixo do espaço geográfico que veio para tentar dinamizar a economia local a partir de incentivos feitos pela Prefeitura, pela Secretária Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico e pelo SEBRAE.

Portanto, espera-se que este trabalho sirva de conscientização para o município de Santa Cruz/RN, que deve acreditar na magnitude do potencial turístico existente no complexo turístico de Santa Rita de Cássia, despertando-o para os benefícios que o desenvolvimento desse setor poderá trazer.

REFERÊNCIAS

ABREU,Tereza. Neuma Martins de; CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. Os centros de romaria do Ceará e o turismo religioso. In: CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira (Org). **Turismo com Ética.** 2. Ed. 1 vol. Fortaleza, CE: Funece, 1998. p. 78-95.

ALVES, M. L. B.; RAMOS, S. P. **Turismo religioso no Rio Grande do Norte**: as múltiplas faces dos “encontros” no Sertão do Seridó. In: *Revista Hospitalidade*, v. n.2, 2007, p. 35-50.

ALTAS DO BRASIL. **Municípios**. 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/santa-cruz_rn>. Acesso em 23 de junho de 2014.

CALVELLI, H. G. Turismo Religioso no caminho da fé. In: **Revista de Turismo Cultural**. V. 3. N° 1, 2009. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/05_Caminho_da_f%C3%A9-Haudrey.pdf>. Acesso em maio de 2013.

FÁRIAS, Mayara Ferreira de. **Turismo religioso na cidade da Santa: a percepção da comunidade sobre a construção do complexo turístico de Santa Rita de Cássia, Santa Cruz/RN**. 2013. p. 119. Dissertação (mestrado em Turismo) - UFRN.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região do Seridó do Rio Grande do Norte.** 2 vol. Estratégia, Programas e Sistema de Gestão. Caicó, RN, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Santa **Cruz/RN. 2010**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=241120&searc=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso em 23 de junho de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas e projeções da população**. 2012. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_Projecoes_Populacao/Estimativas_2012/estimati va_2012_municipios.pdf>. Acesso em 23 de junho de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Organização territorial e divisão territorial**. 2010. Disponível em: <http://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_territorial/divisao_territorial/evolucao_da_di visao_territorial_do_brasil_1872_2010/>. Acesso em 23 de junho de 2014.

LEITE, Leonel Cavalcanti et al. **Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região do Seridó do Rio Grande do Norte**. 1 vol. Diagnóstico. Caicó, RN, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ. **Geografia**. 2013. Disponível em: <http://www.santacruz.rn.gov.br/site/index.php/santa-cruz2/geotrafia>. Acesso em: 23 de junho de 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ**. "Seja bem-vindo a Santa Cruz – a cidade santuário está de portas abertas para receber você"**. Santa Cruz/RN - Prefeitura de Santa Cruz BUSA COTTON LINE. S.d. Folder.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA CRUZ. **PERFIL DO ROMEIRO TURISMO RELIGIOSO EM SANTA CRUZ/RN**. Santa Cruz/RN. 2013.

SEBRAE**. O TURISMO RELIGIOSO E O IMPACTO NAS MPES DE SANTA CRUZ/RN**. Santa Cruz/RN. S.d.

TEXEIRA, Maria do Socorro Gondim. Júnior, Manoel Cícero Romão. **TURISMO RELIGIOSO: UMA ALTERNATIVA ECONÔMICA PARA OS MUNICÍPIOS DO SERIDÓ- RN.** 2009. Disponível: <http://docente.ifrn.edu.br/marcosaraujo/disciplinas/geografia-do-rio-grande-donorte/material-complementar/turismo-religioso-no-serido>. Acesso em 24 de julho de 2014.

YOUTUBE. **CAMINHOS DA FÉ SANTA RITA SANTUÁRIO - Santa Cruz/RN**. 2013. Disponível:<https://www.youtube.com/watch?v=8Gn2yArEt_M>. Acesso em 24/06/2014 às 16:53.

CAPÍTULO 2

REFLEXÕES GEOECONOMICAS A PARTIR DA PANDEMIA DO COVID 19: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O BRASIL

Data de aceite: 01/11/2022
Data de submissão: 08/09/2022

Paulo Ernesto Lopes Rickli
Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO
Guarapuava – Paraná
http://lattes.cnpq.br/4749517243138457

Sandra Lúcia Videira Gois
Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO
Guarapuava – Paraná
http://lattes.cnpq.br/0237513319955708

RESUMO: No ano de 2020 o mundo foi impactado pela pandemia do Covid-19 e embora arrefecida, ainda perdura seus efeitos. Por todo o mundo o vírus já infectou mais de 100 milhões de pessoas e matou outras 3 milhões e os números continuam aumentando. A Organização Mundial da Saúde (OMS) elaborou diversas medidas e políticas para deter o avanço da doença, muitos países adotaram essas medidas desde o princípio, mas alguns países, como no caso do Brasil, o negacionismo perante ao vírus foi maior, não tendo políticas eficazes para combater o vírus, negando o uso de máscara e o distanciamento social e promovendo o uso de remédios sem eficácia comprovada pela ciência. Isso levantou o debate que as políticas adotadas pelo governo do Brasil poderiam ser caracterizadas como uma necropolítica, ou seja, uma política da morte, visando diminuir os efeitos de uma crise econômica no país a custo da vida de uma parcela da população. Esse trabalho teve como objetivo analisar de maneira geral os indicadores socioeconômicos do país a partir da pandemia do Covid-19 e relacionar com o período anterior para refletir sobre as implicações da pandemia. Além de relacionar a necropolitica com as políticas adotadas no Brasil. Estas nos permitiu perceber que as políticas adotadas foram pouco eficientes para a economia do país, com queda do Produto Interno Bruto (PIB) e aumento do desemprego, dentre outros.
PALAVRAS-CHAVE: Brasil, Covid-19, Necropolítica.

GEOECONOMIC REFLECTIONS FROM THE COVID 19 PANDEMIC: SOME REFLECTIONS ABOUT BRAZIL

ABSTRACT: In the year 2020, the world was impacted by the Covid-19 pandemic and, although cooled, its effects still linger. Worldwide the virus has infected more than 100 million people and killed another 3 million and the numbers continue to rise. The World Health Organization (WHO) has developed several measures and policies to stop the spread of the disease, many countries have adopted these measures from the beginning, but some countries, as in the case of Brazil, denial of the virus was greater, with no policies effective ways to fight the virus, denying the use of masks and social distancing and promoting the use of medicines without proven effectiveness by science. This raised the debate that the policies adopted by the government of Brazil could be characterized as necropolitics, that is, a policy of death, aiming to reduce the effects of an economic

crisis in the country at the cost of the life of a portion of the population. This work aimed to analyze in general the socioeconomic indicators of the country from the Covid-19 pandemic and relate to the previous period to reflect on the implications of the pandemic. In addition to relating necropolitics with the policies adopted in Brazil. These allowed us to realize that the policies adopted were not very efficient for the country's economy, with a drop in the Gross Domestic Product (GDP) and an increase in unemployment, among others.
KEYWORDS: Brazil, Covid-19, Necropolitics.

1 I INTRODUÇÃO

Em 2020, o mundo enfrentou uma crise nunca antes vista no século XXI, a pandemia do Covid-19 já matou mais de 3 milhões de pessoas e infectou mais de 100 milhões em diferentes países ao redor do mundo e continua a fazer vítimas ainda em 2022.

Muitas políticas de prevenção para diminuir o avanço da pandemia foram tomadas, como o uso constante de máscaras em público, uso de álcool em gel, e o isolamento social, que ao mesmo momento que é o mais efetivo é o que traz mais problemas, uma vez que nem todas pessoas têm condições financeiras para ficar em isolamento, assim como o mundo não pode parar devido a doença. Isso fez com que alguns governantes de países, o Brasil incluído, minimizassem publicamente o efeito do covid-19 numa tentativa de fazer com que a população continuasse a fazer a economia girar, no entanto, não se preocupando com o bem estar dessa população a deixando exposta ao vírus. Com isso vai surgir uma discussão a respeito das políticas adotadas por determinados governantes, mas antes precisamos entender as mudanças geopolíticas ocasionadas pela pandemia do Covid-19.

Quando no dia 12 março de 2020 foi declarado a pandemia do Covid-19 pela OMS (Organização Mundial da Saúde), o mundo precisou repensar a forma que funcionaria a partir desse momento para diminuir os efeitos da pandemia. China, Itália, Espanha, França e Alemanha logo adotaram as medidas determinadas pela OMS, fechando suas fronteiras, limitando o deslocamento das pessoas, pedindo que ficassem em casa. Governos anunciaram medidas sanitárias e econômicas visando reduzir, ao máximo, os reflexos negativos na economia e na saúde da população em geral (THÉRY, 2020).

Acreditava-se que uma nova crise atingisse o mundo em um futuro próximo, pois os efeitos da crise econômica de 2008 ainda eram sentidos, mas que seria uma crise unicamente financeira e não sanitária e, um dos principais aspectos quanto ao papel negativo dessas crises é a interpendência econômica dos países que já havia sido colocada em xeque na crise de 2008 e novamente é posta em xeque na crise do Covid-19 (THÉRY,2020). O que seria essa interpendência? Os frutos da globalização. As principais indústrias do mundo em uma tentativa de diminuir os custos, mudam suas operações para países periféricos, principalmente para países da Ásia, como a China e a Índia, a exemplo do mercado farmacêutico, o que acaba gerando uma grande dependência de importações

nos países europeus ou mesmo da América, o Covid-19 evidenciou essa interpendência. Enquanto a China fornece os princípios ativos para o mundo todo, os produtos acabados são fabricados na Índia (embora se localize neste país a maioria dos locais de produção, a China lhe fornece 80% dos ingredientes farmacêuticos), ou seja, o laboratório do mundo é chinês (THÉRY,2020).

Com a dependência da China e Índia, para suprir a maior parte dos produtos farmacêuticos, vários países logo no início da pandemia já sofreram problemas de estoque de produtos básicos para o combate ao Covid-19, como falta de máscaras tanto para a população quanto para os profissionais da saúde, falta de álcool em gel, e talvez o mais grave de todos a falta de respiradores nos hospitais para os pacientes em estado mais crítico, o que fez com que alguns países comprassem todos o estoque disponível desses materiais. Com Estado Unidos sendo um grande antagonista nesse quesito, pois em mais de uma ocasião comprou remessas que estavam destinada a outros países pelo fato de poder pagar mais, um desses caso foi de mascaras advindas de China com destino a França, foram comprada pelos Estados Unidos pagando três vezes mais do que o valor original (G1.globo.com)[1] deixando assim os outros países sem produtos. Outro caso que afetou diretamente o Brasil, foi a compra de 600 respiradores pelo Brasil da China, que ficaram retidos na alfândega dos EUA, o que fez com que a compra fosse cancelada, apesar dos EUA negar ter retido para uso próprio (Folha de São de Paulo)[2]. Além da falta de suprimentos no Brasil, enfrentamos algo ainda pior, o negacionismo dos reais efeitos da pandemia do Covid-19, seja por parte da população seja por membros do governo, incluído o atual Presidente da República, que diversas vezes minimizou publicamente o covid-19 inclusive fazendo piadas sobre o assunto, como chamar a doença de 'Gripezinha' e pouco tempo depois declarou que pelo seu porte de atleta se contraísse a doença não seria afetado (BBC)[3]. Quando o Brasil atingiu pela primeira vez o número de 300 mortes em um dia, o Presidente quando questionado sobre as mortes falou que não era coveiro, e ainda falou que 70% da população seria contaminada e não tinha o que fazer (G1.GLOBO)[4] esses são apenas alguns exemplos, antes fossem apenas essas falas, mas decisões questionáveis também foram tomadas, como a troca de quatro ministros da saúde em menos de um ano.

O primeiro Henrique Mandetta demitido em Abril de 2020 depois de entrar em confronto com as decisões do Presidente, uma vez que o próprio ministro não concordava com o tom negacionista do Presidente, principalmente pelo fato do Presidente recomendar

---

1 Covid-19: EUA pagam mais caro e ficam com remessa de máscaras chinesas destinadas à França. G1 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/02/covid-19-eua-pagam-mais-caro-e-ficam-com-remessa-de-mascaras-chinesas-destinadas-a-franca.ghtml > Acesso em 6 de setembro de 2022

2 ZANINI, Fabio. China cancela compra de respiradores pela Bahia, e carga fica retida nos EUA. Folha de São Paulo,2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/china-cancela-compra-de-respiradores-pela-bahia-e-carga-fica-retida-nos-eua.shtml> Acesso em 6 de setembro de 2022

3 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. BBC,2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536> Acesso em 6 de setembro de 2022

4 GOMES, Pedro Henrique.'Não sou coveiro, tá?', diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus.G1,2020. Disponível em:< https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml> Acesso em 6 de setembro de 2022

fortemente o uso do Cloroquina, medicamento sem eficácia comprovada ao combate da Covid-19, inclusive o Exército, fabricando em grande escala o medicamento, em abril já tinham fabricado cerca de 3 milhões de comprimidos (UOL)[5].

29 dias depois, o segundo ministro da Saúde, Nelson Teich pediu demissão, novamente por conflitos com o Presidente Bolsonaro sobre a cloroquina, segundo fala do próprio Teich "Não vou manchar a minha história por causa da cloroquina." (CNN)[6]. Logo após a saída de Teich, o novo ministro indicado pelo presidente foi o general do exército Eduardo Pazuello, permaneceu no cargo por 10 meses até ser demitido em 15 de março de 2021 (R7)[7] após diversas críticas feitas tanta pela população quanto por membro do governo, relatando a sua ineficiência no cargo, não conseguindo resolver os problemas relacionados a vacinação que andava em um ritmo muito lento comparado ao resto do mundo, além problemas como a falta de respiradores e oxigênio.

Em 23 de março de 2021 Marcelo Queiroga assume como ministro da saúde sendo o quarto ministro em menos de um ano. Esses são apenas alguns acontecimentos durante o governo Bolsonaro que minimizaram e prejudicaram o combate a pandemia do Covid-19.

Diante esse cenário, é factível que o governo Bolsonaro se caracteriza como uma necropolitica, uma política da morte, uma vez que no Brasil registrou mais de 513.000 mil mortos no dia 28/06/2021 sendo o segundo país atrás apenas dos Estados Unidos em número de mortos por covid-19, e o número vem aumentando a cada a dia. Começamos a vacina mais tarde que todos os países e com poucas doses, novamente a ausência de políticas efetivas, e por isso reforçamos essas atitudes com a necropolitica. Para relacionar essas políticas com a necropolitica precisamos antes entender o que é necropolitica. Mas também, diante esse cenário, ainda incerto, analisar alguns aspectos do território brasileiro sob a perspectiva socio-economica. Como se comportou os fluxos de importação e exportação? e os fluxos de IED – investimentos estrangeiros diretos? Também, refletir as desigualdades sociais produzidas, as regiões atingidas. Que segmentos foram mais atingidos? E o nível de emprego? E a renda? São algumas das inquietações que buscamos com o desenvolvimento desta pesquisa.

2 | PODER, ESTADO DE EXCEÇÂO E A NECROPOLÍTICA

O termo necropolítica é um tanto quando recente, Achille Mbembe professor de História e de Ciências Políticas do Instituto Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul e na Duke University, nos Estados Unidos, publicou em 2011 o livro chamado Necropolítica,

5 ARAÚJO, Carla. Exército já produziu 3 milhões de comprimidos de cloroquina. UOL,2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/colunas/carla-araujo/2020/07/23/coronavirus-cloroquina-exercito-ja-produziu-3-milhoes-comprimidos.htm> Acesso em 6 de setembro de 2022

6 JUNQUEIRA, Caio; MACHIDA, Kenzô.Após 29 dias no cargo, Nelson Teich pede demissão do Ministério da Saúde. CNN, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/05/15/nelson-teich-pede-demissao-do-ministerio-da-saude> Acesso em 6 de setembro de 2022

7 Pazuello deixa Ministério da Saúde após falhas na gestão da pandemia. R7,2021. Disponível em <https://noticias.r7.com/brasil/pazuello-deixa-ministerio-da-saude-apos-falhas-na-gestao-da-pandemia-15032021> Acesso em 6 de setembro de 2022

sendo ele um grande estudioso da escravidão e um leitor do filosofo Michael Foucault, de quem se baseou no conceito de biopolítica e biopoder, os quais são imprescindíveis para compreender a necropolítica proposta por Mbembe.

Precisamos antes da necropolitica e do biopoder entender o poder nesse contexto. Para Sá (2020) a visão clássica do poder faz sentido quando estamos falando sobre a visão do estado moderno, que representa uma superestrutura jurídica e política que embasa a infraestrutura econômica de inúmeras unidades produtivas, mercadológica e financeira lhes dando suporte legislativo/normativo, bem como, se necessário, a legalidade repressiva, caso a a desordem venham lhes fustigar, ou seja, quando houver resistência do corpo social (SÁ, 2020). Isso quer dizer que com toda estrutura econômica política e jurídica, o estado tem mecanismo de repressão legais, a qual a necropolitica vai chamar de ‘’direito de matar’’ caso a população desse estado apresente alguma resistência.

Sá (2020) irá citar Agambem (2004) para falar do estado de exceção. Para manter o estado com menos gastos e equilibrado, o estado de exceção afirma não ter condições financeiras para ajudar os mais necessitados, alegando que apenas com a expansão do mercado e sua competitividade seria possível absorver a mão de obra excedente, já o judiciário também não oferece suporte, com esse descaso do poder público falando aqui do caso do Brasil, mortes, muitas mortes intencionais e pseudo invisíveis pela pobreza, ou seja, pela falta de saneamento (a proliferação da dengue, da febre amarela, e também em 2020 podemos acrescentar o covid-19), pelo péssimo atendimento hospitalar e a total carência educacional, fazem parte da “força para violar a proibição de matar” do Estado Soberano (SÁ, 2020). Mbembe (2016) vai dizer que o estado de exceção se torna a base normativa para o direito de matar, o poder apela a existência de inimigo ficcional para justificar seu direito de matar.

Para Mbembe (2016) na formulação de Foucault, biopoder parece funcionar através de uma divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer, ou seja o estado dividiria grupos de pessoas, que seriam selecionadas sob a justificativa do campo biológico da qual tomaria o controle como exemplo: negros com negros, pobres com pobres etc. Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma censura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo “racismo” (MBEMBE, 2016, p.128). No biopoder de Foucault a raça teria o principal papel, como justificativa na divisão das pessoas que vivem e que morrem, estando acima de questões ideológicas ou de classes, a política de raça está em última análise quando relacionada com a política de morte (MBEMBE, 2016).

Relacionando com o Brasil, Sá (2020) vai trazer dados mostrando que o número de pessoas negras que morrem no Brasil é muito maior que o número de pessoas brancas. O IPEA (2017) destaca que, com 65 mil mortes os homicídios batem recorde no país em 2017 e os jovens negros têm sido suas maiores vítimas. “Dentro da questão racial, estudo revela que para cada não negro (branco, indígena, amarelo, segundo critério de auto atribuição

usado pelo IBGE) morto no Brasil, quase 3 negros (pretos e pardos) foram assassinados. Esse cenário vem piorando ao longo da última década; enquanto o índice de homicídios de não negros aumentou 3,3% de 2007 a 2017, o de negros aumentou 33,1%.(SÁ,2020). Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer” (MBEMBE, 2016).

Mbembe juntamente com os conceitos de Foucault irá relacionar alguns períodos da história no qual o estado, colocou em pratica o seu ‘direito’ de matar, o mais claro de todos seria o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Foucault, o Estado nazista foi o mais completo exemplo de um Estado exercendo o direito de matar. Esse Estado, ele afirma, tornou a gestão, proteção e cultivo de vida coextensivos ao direito soberano de matar. Por uma extrapolação biológica sobre o tema do inimigo político, na organização da guerra contra os seus adversários e, ao mesmo tempo, expondo seus próprios cidadãos à guerra, o Estado nazista é visto como aquele que abriu caminho para uma tremenda consolidação do direito de matar, que culminou no projeto da “solução final” (MBEMBE, 2016, p.128).

Mbembe(2016) apud Enzo Traverso(2002) ainda relacionando o nazismo com o direito do estado de matar, vai citar o exemplo das câmara de gás sendo algo mais prático e direto do que até então o estado tinha como ferramenta para matar. Segundo Mbembe(2016) apud Enzo Traverso(2002), as câmaras de gás e os fornos foram o ponto culminante de um longo processo de desumanização e de industrialização da morte, cujas características originais estavam integradas a racionalidade instrumental com a racionalidade produtiva e administrativa do mundo ocidental moderno (a fábrica, a burocracia, a prisão, o exército) (MBEMBE 2016,p.129). E nesse dado momento, tudo foi legitimado pelo estado, por aquilo que Mbembe volta a mencionar que é o racismo, mais dessa vez não o de raça e sim o de classe. Esse processo foi, em parte, facilitado pelos estereótipos racistas e pelo florescimento de um racismo baseado em classe que, ao traduzir os conflitos sociais do mundo industrial em termos raciais, acabou comparando as classes trabalhadoras e os “desamparados pelo Estado” do mundo industrial com os “selvagens” do mundo colonial (MBEMBE, 2016, p.129).

Então para Mbembe a necropolítica seria o direito do estado de matar, baseado no exercício da soberania do estado e sua capacidade de promover o que o Mbembe chama de Terror. O estado ao longo do tempo vai criando mecanismos que possam matar determinados grupos de forma legitimada. É diante essa literatura que nos deparamos com a condução ao enfrentamento da pandemia do Covid 19 no Brasil, a qual pode ser associada com a necropolitica, tendo em vista, como já expusemos, a ausência, a negligência e o negacionismo na esfera federal estarem presentes nas ações do enfrentamento. E que, além das vidas ceifadas contribuíram para a retração econômica.

3 I UMA LEITURA DAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS DA PANDEMIA DO COVID-19

O principal indicador que nos permite fazer uma ligação mais direta com a necropolitica são os números de infectados e mortos no Brasil, uma vez que as políticas pouco efetivas fizeram esse quadro se agravar severamente. No dia 06/08/2021 o Brasil atingiu o número de 560.706 mil mortos[8] por covid-19 estando apenas atrás do Estados Unidos em número de mortes, número que aumentou a cada dia.

Em número de infectados, o Brasil é o terceiro país do mundo com mais infectados chegando a 20.066.587 milhões de infectados, sendo o estado de São Paulo o com maior número, mais de 4 milhões de pessoas, também o com mais mortes, 140.135. A região com mais infectados é o Sudeste com mais de 7,7 milhões de infectado até o data da escrita dessa pesquisa, seguido do Nordeste com 4,6 milhões, Sul com 3,9 milhões, Centro-Oeste com 2 milhões e por último o Norte com 1,7 milhão. O Sudeste também é a região com maior número de mortos, 264 mil mortos, Nordeste 113 mil, Sul 87 mil, Centro-Oeste 53 mil e Norte com 45 mil[9] foram aplicadas mais de 147 milhões de doses de vacinas, com 43 milhões tomando as duas doses, isso representa apenas 20% da população brasileira.

Previsões do FMI para o crescimento da economia mundial (jan./2021)

Crescimento real do PIB (%)	Média 2009-2011	Média 2012-2014	Média 2016 - 2018	2019	2020	2021(p)	2022(p)
Mundo	2,8	3,4	3,5	2,8	-3,5	5,5	4,2
Economias desenvolvidas	0,4	1,5	2,1	1,6	-4,9	4,3	3,1
Área do Euro	-0,3	-0,1	2,0	1,3	-7,2	4,2	3,6
Reino Unido	-0,4	1,6	1,7	1,4	-10,0	4,5	5,0
Estados Unidos	0,3	2,3	2,2	2,2	-3,4	5,1	2,5
Japão	-0,6	1,0	1,0	0,3	-5,1	3,1	2,4
Países emergentes e em desenvolvimento	5,5	4,9	4,5	3,6	-2,4	6,3	5,0
Ásia	8,2	6,8	6,4	5,4	-1,1	8,3	5,9
China	9,7	7,7	6,8	6,0	2,3	8,1	5,6
Índia	7,5	6,3	6,6	4,2	-8,0	11,5	6,8
América Latina e Caribe	3,0	2,4	0,6	0,2	-7,4	4,1	2,9
México	1,5	2,5	2,4	-0,1	-8,5	4,3	2,5
Brasil	3,3	1,3	-0,4	1,4	-4,5	3,6	2,6
Europa - Países emergentes e em desenvolvimento	2,0	2,4	4,1	2,2	-2,8	4,0	3,9
Rússia	0,2	1,8	1,3	1,3	-3,6	3,0	3,9
Oriente Médio e Ásia Central	4,1	3,3	3,0	1,4	-3,2	3,0	4,2
África Subsaariana	4,5	4,9	2,5	3,2	-2,6	3,2	3,9
África do Sul	1,7	2,1	0,8	0,2	-7,5	2,8	1,4
Comércio Internacional - volume	2,8	3,3	3,8	1,0	-9,6	8,1	6,3

Fonte: FMI.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Tabela 1 - Queda econômica de 2020 devido a pandemia, previsão de crescimento de 2021 segundo FMI.

Fonte: Conjuntura recente e perspectivas para a economia internacional, IPEA.

Um dos principais setores afetados pela pandemia do covid-19 foi a economia mundial. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2021) no final de

8 https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419&mid=%2Fm%2F015fr&state=4
9 https://covid.saude.gov.br/

2020 a economia mundial já começara a mostrar sinais de recuperação, mas o crescente número de casos e mortes e a segunda onda iminente no começo de 2021 fez com que a recuperação mundial tivesse o ritmo reduzido. As duas maiores potencias do mundo, China e Estados Unidos, não foram tão afetadas pela segunda onda mantendo um ritmo de recuperação forte, diferente dos países da Zona do Euro, do Japão e dos países da América Latina.

Com o avanço da vacinação em massa pelo mundo, entre outros fatores, o Fundo Monetário Internacional (FMI) elevou suas previsões sobre o crescimento da economia mundial para o ano de 2022 de um crescimento esperado de 5,2% para 5,5%, na tabela abaixo do IPEA (2021) podemos olhar mais especificamente para as projeções econômicas para vários países, incluindo o Brasil.

Como podemos ver, o Brasil nos anos anteriores a pandemia entre 2016 e 2018 teve uma queda de -0,4% no seu crescimento em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), em 2019 apresentou um crescimento de 1,4%, e em 2020 em decorrência da pandemia do covid-19 apresentou uma queda de -4,5%. Segundo as previsões do FMI em 2021 a economia do Brasil pode crescer 3,6% e em 2022 2,6%, mas devemos ressaltar que as seguintes projeções foram feitas em janeiro de 2021, antes do extremo agravamento da pandemia no país nos meses seguintes. O comercio mundial também foi muito afetado pela pandemia do covid-19, apesar das piores previsões feitas pela Organização Mundial do Comércio (OMC) e pelo FMI não terem se concretizado.

Segundo o IPEA (2020) a projeção da OMC relatou uma queda de 9,2% do volume do comércio do ano, antes o cenário mais otimista era de 12,9% e de 31,9 no pessimista. O IPEA analisou variações nas exportações e importações em mais 47 países (entre eles o Brasil) que representam entre 75% e 80% do comercio mundial. Entre janeiro e agosto de 2020 as exportações desses países tiveram 12,3% de redução em relação ao mesmo período em 2019. Conforme a Tabela 2, na América do Norte a queda foi de -16,3% nas exportações e -13,1% nas importações, na Europa foi -13,3% nas exportações e -13,2% nas importações, a Oceania teve um resultado um pouco melhor -10,9% exportações e -10,7% importações, na América do Sul o cenário de importações foi o pior com -17,2%, e as exportações ficaram abaixo dos -10% (IPEA,2020). O Brasil e o Chile foram os países com as menores quedas de exportações até agosto mas a queda de agosto em relação ao ano de 2019 foi maior que a taxa acumulada no ano, o que mostra que os países estão tendo dificuldade para sustentar a recuperação de vendas externas, e devido as exportações serem feitas em dólar a queda dos preços internacionalmente também afeta esses países, já nas importações a queda mostra que esses países são os que mais então enfrentando dificuldades com as maiores queda de atividade econômica na pandemia (IPEA, 2020).

Relatório anual da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) no ano de 2020, houve um aumento 33,7% nos níveis de pobreza e de 12,5% de extrema pobreza na América do Sul, chegando a 209 milhões de pessoas inseridas na faixa da

pobreza, 22 milhões a mais que o ano anterior. No quesito educação, 167 milhões de estudantes na América Latina foram afetados pelo fechamento de centros educacionais e pela dificuldade de acesso à internet. No mesmo relatório ainda temos dados sobre a piora dos níveis de desigualdade na América Latina durante a pandemia e uma menor participação no mercado de trabalho afetando principalmente os jovens e as mulheres. No Brasil as mulheres tiveram uma queda de ocupação no mercado de trabalho de -11,8% em 2020 em relação a 2021, com os jovens os números foram mais altos, 35,2% dos jovens empregados na faixa de idade de 14 a 17 anos perderam o emprego durante a pandemia no Brasil, entre 18 e 24 anos foram 21,9%.

Em um documento publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em março de 2021, o PIB do Brasil no quarto trimestre de 2020 teve a pior queda desde 1996, uma queda de -4,1% em comparação a 2019. O PIB havia crescido 1,4%, refletindo os efeitos do distanciamento o social e dos auxílios emergências pagos pelo governo, o setor da agropecuária sendo o único a não apresentar queda, o setor de indústria apresentou uma queda de -3,5%, o de serviços -4,5,% e o consumo das famílias teve uma queda de -5,5% em relação ao ano anterior mostrando que o poder de consumo da população brasileira diminuiu muito no período da pandemia. No dia primeiro de junho de 2021 o IBGE publicou um novo documento dessa vez se referindo ao primeiro trimestre de 2021 onde o PIB apresentou um crescimento de 1,2% em relação ao trimestre anterior, atingindo os níveis pré-pandemia, o setores de agropecuária registrou um crescimento de 5,7%, o setor de indústrias apresentou crescimento de 0,7% e o de serviços 0,4%, mas o consumo das famílias continuou negativo apresentando uma queda de -0,1% em relação ao trimestre anterior.

Segundo dados do IBGE[10] o trimestre móvel entre novembro de 2020 a janeiro de 2021, registrou taxa de desocupação de 14,2%, equivalente a 14,3 milhões de pessoas desempregadas, em comparação ao mesmo período anterior entre novembro de 2019 a janeiro de 2020, houve um aumento de 3,0% de taxa de desocupação, assim como o número de pessoas desempregadas teve um aumento de 2,4 milhões de pessoas, o número de pessoas desempregadas no trimestre anterior era de 11,9 milhões, segundo o IBGE[11], no primeiro trimestre de 2021 a taxa de desocupação chegou a 14,7%. Os trabalhadores informais são os grandes responsáveis pelo número de desempregados não estar pior, sendo o único segmento a relatar crescimento na sua força de trabalho, com 23,7 milhões de pessoas empregadas por conta própria apresentando um crescimento de 3,1%, cerca de 716 mil pessoas em comparação ao último trimestre de 2020. Alguns outros

10 PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 14,2% e taxa de subutilização é de 29,0% no trimestre encerrado em janeiro de 2021. Agência de Notícias IBGE, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30391-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-14-2-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-29-0-no-trimestre-encerrado-em-janeiro-de-2021> Acesso em 6 de setembro de 2022

11 CAMPOS, Ana Cristina. IBGE estima que desempregados no Brasil sejam 14,4 milhões. Agência Brasil,2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-04/ibge-estima-que-desempregados-no-brasil-sao-144-milhoes> Acesso em 6 de setembro de 2022

dados presentes no PNAD COVID19[12] do IBGE, cerca de 15,3 milhões de pessoas não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, cerca de 2,7 milhões de pessoas foram afastadas do trabalho devido ao distanciamento social e 7,9 milhões de pessoas trabalharam remotamente. Os estados mais afetados pelo desemprego foram o Amazonas com 18,8% da população desocupada, o Amapá com 20,9%, a Bahia com 19,8%, Maranhão com 21,7% e Pernambuco 17,9%.

No primeiro trimestre de 2021 a porcentagem de mulheres desempregadas foi maior que a população dos homens a partir de 14 anos de idade, sendo 54,5% mulheres e 45,5% homens, em relação ao 2019 no mesmo período houve um aumento de 1,9% de mulheres desempregas (IBGE, 2021). A faixa etária mais atingida pelo desemprego é dos 25 a 39 anos representando 34,6% da população desempregada, a segunda maior faixa é entre 18 a 24 anos com 29% seguido da faixa dos 40 a 59 anos com 27,5%.

Quanto ao nível de instrução, as pessoas com o ensino médio completo são disparadas as mais afetadas pelo desemprego representando 40,4% da população desempregada, seguido pelo fundamental incompleto que representa 18,2% e superior completo que representa 12,8%. Já o índice de cor ou raça no primeiro trimestre de 2021 de pessoas desempregadas ficaram em 50,9% pardos, 36,3% brancos e 12,2% pretos.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) com base nos dados na PNAD covid do IBGE (2021), realizou um estudo sobre a evasão escolar durante a pandemia, em novembro de 2020 ao final do ano letivo foi registrado que 5,075.294 milhões de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos estavam fora da escola ou de qualquer atividade escolar, em 2019 esse número era de 1,1 milhão, correspondendo a 13,9% dessa parcela da população do Brasil, como detalhado na Figura 1.

Figura 1 - Percentual de crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos que não frequentaram em 2020

Fonte: Cenário da Exclusão Escolar no Brasil Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação, UNICEF

12 https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php

No gráfico acima elaborado pela UNICEF, os alunos nas idades 6 e 10 anos foram os que menos frequentaram as aulas correspondendo a 41%, seguido dos alunos na faixa de idade do ensino médio de 15 a 17 anos representando 31,2%, e por fim 27,8% nas idades de 11 a 14 anos não frequentam a escola no ano letivo de 2020. As regiões rurais do Norte e Nordeste brasileiros foram as que registraram o maior número, em todas as faixas etárias, da não frequência escolar, devido ao difícil acesso por serem regiões mais isoladas e falta de acesso à internet são os grandes agravantes para a exclusão escolar nessas regiões.

Tabela 21. **Percentual de crianças e adolescentes de 6 a 17 anos com Ensino Médio incompleto que não frequentam a escola, por Unidade da Federação, 2020**

Unidade da Federação	Não frequenta a escola		População total entre 6 e 17 anos
	N	%	N
Rondônia	22.026	6,7	331.057
Acre	52.237	24,6	212.373
Amazonas	300.044	32,0	936.243
Roraima	46.987	38,6	121.826
Pará	610.983	32,0	1.907.628
Amapá	71.949	35,7	201.352
Tocantins	41.961	13,0	322.767
Maranhão	244.307	15,8	1.549.489
Piauí	76.895	12,1	634.153
Ceará	135.069	8,2	1.651.979
Rio Grande do Norte	160.059	24,9	641.958
Paraíba	78.490	10,8	726.924
Pernambuco	230.500	13,1	1.763.663
Alagoas	124.106	17,7	699.787
Sergipe	93.133	21,4	435.891
Bahia	844.045	30,7	2.748.036
Minas Gerais	244.319	7,3	3.358.749
Espírito Santo	77.967	11,1	700.505
Rio de Janeiro	458.675	17,2	2.672.491
São Paulo	667.152	9,2	7.288.581
Paraná	83.087	4,4	1.875.085
Santa Catarina	49.539	4,4	1.128.192
Rio Grande do Sul	108.188	6,2	1.733.730
Mato Grosso do Sul	28.869	5,7	507.255
Mato Grosso	72.783	10,8	676.478
Goiás	123.426	9,7	1.266.221
Distrito Federal	28.497	5,4	524.416
TOTAL	5.075.294	13,9	36.616.832

Fonte: IBGE. Pnad-Covid, nov. 2020. ***Nota:*** *Considerou-se não frequentando a escola crianças e adolescentes de 6 a 17 anos que declararam não frequentar a escola ou que frequentavam a escola, mas não tiveram atividades escolares disponibilizadas na semana anterior à entrevista.*

Tabela 3 - Número de alunos que não frequentaram aulas por estado em 2020

Fonte: Cenário da Exclusão Escolar no Brasil Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação, UNICEF

Na tabela acima elaborada pela UNICEF, podemos ver a distribuição por estados quanto a quantidade de alunos que não frequentaram a escola em 2020 durante a pandemia. Os estados de Roraima, Amazonas, Pará, Amapá e Bahia foram os mais afetados, todos com mais de 30% da população na faixa de 6 a 17 anos não frequentaram a escola. Segundo o Boletim Mapa de Empresas 2021, no primeiro quadrimestre de 2021, foram abertas 1.392.758 milhões de empresas no Brasil, em comparação ao último quadrimestre de 2020 houve um aumento de 17,3%, e um aumento de 32,5% em comparação ao primeiro quadrimestre de 2020, no mesmo período 437.787 mil empresas foram fechadas, um aumento de 22.9% em comparação ao último quadrimestre de 2020, e um aumento de 23,1% em comparação ao primeiro quadrimestre de 2020, 19 de julho de 2021 existe um total de 17.173.284 milhões de empresas ativas no Brasil.
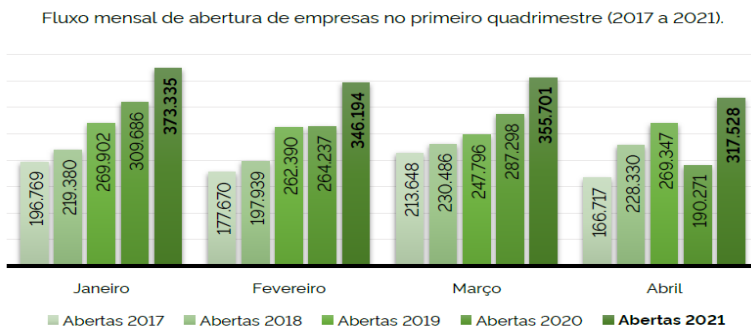
Figura 2 - Número de abertura de empresas entre 2017 e 2021 no primeiro quadrimestre

Fonte: Mapa de Empresas Boletim do 1° quadrimestre/2021, Ministério da Economia.
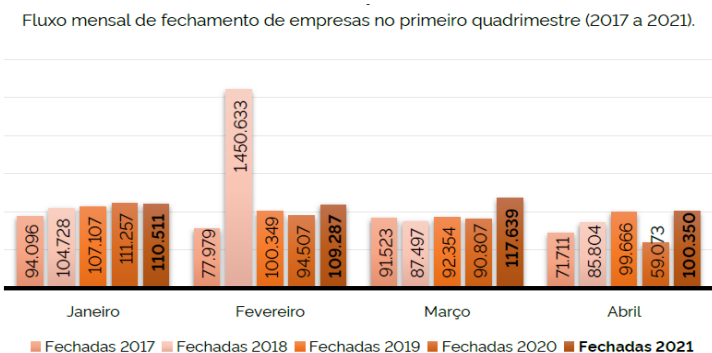
Figura 3 - Número de fechamento de empresa entre 2017 e 2021 no primeiro quadrimestre

Fonte: Mapa de Empresas Boletim do 1° quadrimestre/2021, Ministério da Economia.

A região do país que mais abriu empresas no primeiro quadrimestre de 2021 foi a região Sudeste com 704.761 empresas abertas, um aumento de 29,9% em relação ao

mesmo período do ano anterior, em seguida vem o Sul com 252.048 mil empresas abertas, ou seja um aumento de 33,6%, o Nordeste com 237.773 mil empresas abertas, aumento de 39,3%, o Centro-Oeste 125.258 mil empresas abertas e aumento de 31,8%, o Norte 72.913 mil empresas abertas ou aumento de 31,8% em relação ao mesmo período do ano anterior. Quanto ao fechamento de empresas em 2021, a região Sudeste foi a mais afetada com 220.309 mil empresas fechadas, um aumento de 23,3% em relação ao mesmo período do ano anterior, seguida de Sul com 85.309 mil empresas fechadas aumento de 24,5%, Nordeste 74.928 mil empresas fechadas aumento de 26,6%, Centro-Oeste 39.103 mil empresas fechadas aumento de 19,5%, Norte 18.138 mil empresas fechadas aumento de 9,9%.

Segundo relatório da UNCTAD (2020) entre 2018 e 2019 os fluxos de investimentos diretos estrangeiros (IDE) estiveram em queda atingindo o valor de 72 bilhões de dólares de investimentos externo em 2019. Em 2018 o valor havia sido de 59 bilhões e 2017 66 bilhões. Os estoques de IDE também variaram, sendo 623 bilhões de dólares em 2017, 568 bilhões em 2018 e 640 bilhões em 2019. Em 2019 o Brasil era o 6º maior destinatário de IDE, sendo o maior da América Latina, os maiores investidores do Brasil foram a Holanda, EUA, Alemanha, Espanha, Bahamas e Luxemburgo, em 2019 os investimentos foram principalmente na área da Industria Elétrica, mas também houve investimentos na indústria automotiva, extração de petróleo e gás, comercio etc.

Fluxos de IED: Brasil – 2014 a 2019 (US$ bilhões)

	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Entrada	63,846	49,961	53,7	66,585	59,802	71,989
Saída	-3,261	-11,643	-5,901	19,04	-16,336	15,515

Fonte: UNCTAD, WIR2020, p. 240.

Figura 5 - Fluxo de IED no Brasil entre 2014 e 2019

Fonte: https://iedi.org.br/cartas/carta_iedi_n_1020.html

Em relação a 2020 o relatório da UNCTAD (2021) apresenta dados sobre IED do Brasil, houve uma queda de investimento, 25 bilhões, menos da metade do ano anterior, devido ao colapso na demanda por exportações devido a pandemia. Segundo o relatório da UNCTAD a incerteza política em países como o Chile e o Brasil atrasam suas perspectivas para a recuperação do investimento externo principalmente vindos do EUA. O cenário da pandemia também atrasou o programa de privatizações que o Brasil começou a lançar no ano de 2018, ainda no relatório o Brasil é pais da América Latina com maior queda de fluxo de IED em 2020, registrando queda de -62.1%. Os setores de investimento mais afetados foram eletricidade e gás(-62%), Comercio(-33%), Serviços financeiros (-68%) e transporte e logística(-90%).

4 I CONCLUSÃO

Com essa pesquisa conseguimos levantar diversos dados, que demostraram um panorama geral dos impactos da pandemia do covid-19 no Brasil nos mais diversos setores, tanto da economia como também impactos sociais causados pela pandemia. Impactos esses causados pela ineficiência do governo federal em elaborar políticas efetivas para o combate da doença no país, em grande parte indo contra as recomendações da Organização Mundial da Saúde. A insistência do governo em negar os efeitos da pandemia refletem no dado mais impactante dessa pesquisa o número de infectados e de morto, com mais de 20 milhões de infectados e mais de 500 mil mortos, sendo um dos países do mundo mais afetados pela pandemia.

Com isso levantar a discussão sobre a caracterização da política do governo do Brasil ser uma necropolítica se torna inevitável, começando pelas diversas declarações do Presidente da República minimizando o impacto da doença e sua letalidade, contrariando as recomendações da OMS usadas pelo mundo inteiro sobre o uso constante de máscara, isolamento social, uso de álcool em gel, trocas constantes de ministros da saúde e um dos mais graves, a recomendação de remédios sem comprovação científica, e sua insistência no uso desses remédios como a cloroquina mesmo após mais de um ano pandemia e com a já existência de vacinas, vacinas essas que foram colocadas em cheque pelo Presidente da República quanto ao seu propósito e sua e eficácia, recusando a compra das mesma depois de diversas ofertas agravando ainda mais o cenário da pandemia e do negacionismo no país.

A justificativa do governo quanto as políticas tomadas pelos mesmo era que o Brasil não podia parar, que a economia não podia parar, mas como podemos ver através dos dados dessa pesquisa que o Brasil teve um dos piores resultados econômicos de toda a sua história, tendo a maior queda do PIB desde 1996, chegando a mais de 14 milhões de pessoas desempregadas e aumento no nível do pobreza, além da grande evasão escolar das crianças e adolescentes com mais de 5 milhões sem acesso à educação durante a pandemia no país, assim como uma grande queda no investimento do exterior no país e também uma grande queda no setor de importações e exportações, e mesmo com um grande índice de abertura de empresas houve ao mesmo tempo um grande número de fechamento de empresas.

Esses foram apenas alguns indicadores que mostram uma melhor visão de como a pandemia do COVID-19 afetou o Brasil, com diversos setores da economia enfrentando quedas sem previsão de recuperação uma vez que a segunda onda em 2021 acabou com as previsões positivas de recuperação econômica, e com muitas vítimas e mesmo aquelas que não morreram com a doença enfrentam grande dificuldades com a falta de políticas de combate e de auxílio contra a doença por parte do governo do país.

REFERÊNCIAS

BRASIL: FLUXOS DE IDE, Disponível: < https://santandertrade.com/pt/portal/internacionalize-se/brasil/fluxos-de-ied-2, Acesso em 29 de junho de 2021.

Carta IEDI, Disponível: < https://iedi.org.br/cartas/carta_iedi_n_1020.html> Acesso em 29 de junho de 2021.

CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), **Panorama social América Latina 2020**.

Com pandemia indicadores do setor aéreo reduzem 50% em 2020, Disponível em < https://www.anac.gov.br/noticias/2021/com-pandemia-indicadores-do-setor-aereo-reduzem-50-em-2020-1> acesso em 14 de junho de 2021.

Enzo Traverso. **La violence nazie: une généalogie européenne**. Paris: La Fabrique Editions, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Contas Nacionais Trimestrais 4º Trimestre de 2020**, 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Contas Nacionais Trimestrais. Indicadores de Volume e Valores Correntes Jan.-Mar.** 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Primeiro Trimestre de 2021**.

LEVY, Paulo Mansur**, Conjuntura recente e perspectivas para a economia internacional**, IPEA, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Arte & Ensaios, n. 32, dezembro 2016. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169

Ministério da Economia, **Mapa de Empresas Boletim do 1º quadrimestre/2021**, publicado em 26 de maio de 2021, Disponível em gov.br/mapadeempresas.

Neli Ap. de Mello-Théry e Hervé Théry, « **A geopolítica do COVID-19** », Espaço e Economia [Online], 17 l 2020, posto online no dia 08 abril 2020, consultado o 21 abril 2020. URL:http:// journals.openedition.org/espacoeconomia/11224 ; DOI : https://doi.org/10.4000/espacoeconomia. 11224

Pandemia provoca aumento nos níveis de pobreza sem precedentes nas últimas décadas e tem um forte impacto na desigualdade e no emprego, Disponível em: < https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-provoca-aumento-niveis-pobreza-sem-precedentes-ultimas-decadas-tem-forte > Acesso em 6 de Setembro de 2022

RIBEIRO, Fernando, **Análise dos dados preliminares do comércio mundial em 2020**, IPEA, 2020.

SÁ, Alcindo José de. **Necropoder e necropolítica: uma reflexão sobre o contexto atual brasileiro**. Revista de Geografia (Recife) V. 37, No. 1, 2020.

UNCTAD (United Nations Conference on Trade and Development), **WORLD INVESTMENT REPORT, INTERNATIONAL PRODUCTION BEYOND THE PANDEMIC**, 2020.

UNCTAD (United Nations Conference on Trade and Development), **WORLD INVESTMENT REPORT, INVESTING IN SUSTAINABLE RECOVERY**, 2021.

UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) , **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação**, 2021.

CAPÍTULO 3

MODELO DE ORDENAMIENTO AMBIENTAL SOSTENIBLE EN ECOSISTEMAS FRÁGILES DE MONTAÑA: UN ESTUDIO DE CASO EN GUANTÁNAMO, CUBA

Data de aceite: 01/11/2022

Náyade Sainz Amador
Centro de Aplicaciones Tecnológicas para el Desarrollo Sostenible (CATEDES). Guantánamo, Cuba
https: //orcid.org/: 0000-0001-5456-0941

Luisa Gertrudis Montoya Cotilla
Centro de Aplicaciones Tecnológicas para el Desarrollo Sostenible (CATEDES). Guantánamo, Cuba
http://orcid.org./: 0000-0003-0843-6127

Adilson Tadeu Basquerote
Centro Universitário Para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI), Santa Catarina, Brasil
http://orcid.org/0000-0002-6328-1714

Guillermo Lemes Mojena
Centro de Estudios Para el Desarrollo Local Universidad Guantánamo (UG), Guantánamo, Cuba

Eduardo Pimentel Menezes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-9445-7698

RESUMEM: El Ordenamiento Ambiental Territorial, refleja el modelo de desarrollo sostenible, definen la zonificación y reglamentación de uso del suelo mediante un Sistema de Información Geográfico (SIG), con disposiciones para fortalecer la capacidad de gestión. El objetivo es proponer un modelo de ordenamiento ambiental sostenible en fincas de agroecosistemas frágiles de montaña, permitan aportar propuestas de uso por cada sistema ambiental, que tributan a la sostenibilidad del desarrollo en prácticas agropecuarias. Se utilizó el método Geoecología de los Paisajes, que define la utilización racional de los recursos naturales, sus limitaciones y potenciales, las incompatibilidades y los problemas ambientales para lograr la sostenibilidad. Se modelan fases de trabajo: caracterización, diagnóstico y propositiva para el uso del suelo. La investigación permite incorporar la dimensión ambiental en el proceso de ordenamiento territorial, el cual aporta propuestas de uso ambientalmente recomendado, según su potencial, recursos disponibles y su capacidad de resiliencia ante el Cambio Climático a través de un SIG.

PALABRAS CLAVE: Ordenamiento ambiental territorial, Geoecología de los paisajes, Sistema de información geográfica.

ABSTRACT: The Territorial Environmental Order, reflects the sustainable development model, define the zoning and regulation of land use through a GIS, with provisions to strengthen management capacity. The objective is to propose a model of sustainable environmental management in farms of fragile mountain agroecosystems, allow us to provide proposals for use for each environmental system, which contribute to the sustainability of development in agricultural practices. The Geoecological method of landscapes was used, which defines the rational use of natural resources, their limitations and potentials, incompatibilities and environmental problems to

achieve sustainability. Work phases are modeled: characterization, diagnosis and proposals for land use. The research allows the incorporation of the environmental dimension into the territorial order process, which provides proposals for environmentally recommended use, according to its potential, available resources and its resilience to Climate Change through a System of Geographic Information.
KEYWORDS: Territorial environmental order, Landscape geoecology, Geographic information system.

INTRODUCCIÓN

La nueva Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible, de la 70ª Asamblea General del 2015, es de carácter universal y promueve una alianza renovadora donde todos los países participan por igual, la que establece dentro de sus acciones un nuevo plan de acción global para la protección del planeta (ONU, 2015). Entre sus características innovadoras busca el desarrollo sostenible global con la integración de tres pilares del desarrollo territorial (económico, social y medioambiental), con una visión holística del mismo. Según en documento en la perspectiva del planeta,

> Estamos decididos a proteger el planeta contra la degradación, incluso mediante el consumo y la producción sostenibles, la gestión sostenible de sus recursos naturales y medidas urgentes para hacer frente al cambio climático, de manera que pueda satisfacer las necesidades de las generaciones presentes y futuras (ONU, 2015, p. 2).

En la agricultura se plantea la necesidad de trabajar en función del desarrollo sostenible de los sistemas de producción, cuyo propósito es utilizar los recursos presentes sin comprometer la supervivencia de las futuras generaciones. Bajo esta premisa, la agricultura debe ser orientada hacia la sostenibilidad económica, social y ambiental, para lograr que sea socialmente justa, económicamente rentable y ambientalmente sana, y de esta manera, garantizar la estabilidad del planeta (ONU, 2015).

Por su naturaleza las actividades agropecuarias, modifican los ecosistemas naturales los que provocan cambios notables en la diversidad biológica, en las condiciones químicas y biológicas del suelo y el microclima (VEGA, 2011). La gestión para el desarrollo local sostenible, con la búsqueda de soluciones locales integradas a los principales problemas, el uso de alternativas agroecológicas para el manejo de sistemas y mantener la productividad suelo, resultan aspectos determinantes para el desarrollo agrario sostenible (VALENCIA, 2009).

El uso del término de ordenamiento territorial tiene cada día una amplia y generalizada utilización, por lo que ha adquirido un puesto muy especial dentro de las políticas de desarrollo territorial, sectorial y económica, cuyo objeto central es el de organizar, armonizar y administrar la ocupación y uso del espacio, de modo que éstos contribuyan al desarrollo humano ecológicamente sostenible, espacialmente armónico y

socialmente justo (SANCHEZ, 2008).

Esto pone en evidencia que en el ordenamiento territorial confluyen las políticas ambientales, las políticas de desarrollo regional, espacial o territorial y las políticas de desarrollo social y cultural, cuya naturaleza es determinada por el modelo de desarrollo económico dominante en cada país. En Cuba comprende, entre otros elementos, un proceso de evaluación destinado a asegurar la introducción de la dimensión ambiental en los Planes y Programas de Desarrollo, a fin de garantizar el desarrollo ambientalmente sostenible del territorio, sobre la base del análisis integral de sus recursos bióticos y abióticos, en la interacción con los factores socioeconómicos. Estos objetivos reflejan el modelo territorial de desarrollo deseado (IÑIGUEZ, 2014).

La operatividad del ordenamiento ambiental requiere de herramientas relacionadas con la implementación de los planes de ordenamiento y el desarrollo en relación con la legislación actual. Para ello es importante la utilización de la Geoecología como ciencia para el análisis y descripción de los paisajes (MATEO RODRIGUES, SILVA, FIGUEIRÓ, 2019). Así, la Geoecología de los Paisajes, como base para la planificación y gestión ambiental del territorio, es considerada como un sistema de métodos, procedimientos y técnicas de investigación, cuyo propósito consiste en la obtención de un conocimiento sobre el medio natural. Así, "la Geoecología como dirección científca inter y transdisciplinaria tiene como objetivo la investigación de la ecosfera como sistema supercomplejo, la esfera de interacción del geo esferas y la humanidad" (MATEO RODRIGUES, SILVA, FIGUEIRÓ, 2019, p. 90).

Constituye un problema científico cómo modelar el ordenamiento ambiental sostenible a escala local, en fincas montañosas, por lo que se plantea como objetivo general de la investigación, proponer un modelo de ordenamiento ambiental sostenible en fincas de agroecosistemas frágiles de montaña, que permitan aportar propuestas de uso eficiente por cada sistema ambiental, de acuerdo a la disponibilidad de sus recursos naturales,que tributen a la sostenibilidad del desarrollo y la adaptación al Cambio Climático en prácticas agropecuarias.

LA ÁREA DE ESTUDIO

Identificación del área de estudio

Se encuentra en una zona de relieve complejo que constituye la de mayor extensión del país, en las montañas de Nipe-Sagua-Baracoa, hacia el centro este de la sierra de Mariana, con alturas que sobrepasan los 700 m de altitud; limita al N y E, con el océano Atlántico; al S, valle Central y el valle de Guantánamo, y al O, las llanuras de Nipe y la del Cauto, abarca las provincias: en el extremo NE de Holguín, el N de Santiago de Cuba y gran parte de Guantánamo (MATEO RODRIGUES, 1989).

Según Mateo Rodrigues (1989) el clima en la zona montañosa en su parte N y NE

se presentan los niveles más altos de precipitación con valores de más de 2 200 mm/año. Asoman en el macizo tres de las cuencas más importantes del país, por su extensión y longitud, como la del Toa (118 km de longitud), Mayarí (107 km de long.) y Sagua de Tánamo (85 km de longitud). Sus corrientes fluviales más importantes son los ríos Yateras y San Andrés.

Predominan suelos del tipo pardos con y sin carbonato, ferralítico rojo compactado eútrico, según la nueva versión de La Clasificación Genética de los Suelos de Cuba del año de 1999, asociados a los diferentes tipos de rocas, clima y relieve. La zona contempla gran variedad paisajística, diversidad biológica, reservas ecológicas, naturales de la biosfera, elevado endemismo florístico y refugios de fauna. El área de investigación posee un alto grado de endemismo florístico (IPF, 1989).

El estudio se realizó en el período del 2017-2019, en la finca integral "La Juanica", de referencia nacional en tecnología, producción agropecuaria, con ofertas y atractivos turísticos. Se localiza en el poblado La Guira, del municipio Manuel Tames, a 24 km al NE de la ciudad de Guantánamo, en los 20°16'01" latitud N y 75°05'27" longitud O.

La finca pertenece a un agroecosistema frágil de montaña, abarca un área de 35 ha, donde predomina el suelo pardo carbonatado, posee una topografía irregular con una pendiente media de 15 %, donde incluye los cultivos varios, café, frutales, instalaciones de cría animal y prácticas de turismo de naturaleza.

Figura 1- Imagen satelital Finca La Juanica.

Fuente: https: //www.google.com. Acceso en: 23 ene. 2019.

MARCO METODOLÓGICO

El estudio se fundamenta en el método de los procedimientos y técnicas de investigación de la Geoecología de los Paisajes, según Mateo Rodrigues (2000), el cual asume como unidad de análisis a las unidades de paisajes (UP), orientado en el procedimiento metodológico para la elaboración de los modelos de ordenamiento ambiental. El análisis de las unidades parte de considerarlos como paisajes culturales, siendo producto de la interacción y articulación dialéctica entre los paisajes naturales y los antroponaturales (MATEO RODRIGUES, SILVA, FIGUEIRÓ, 2019).

Según Mateo Rodrigues (1989) y Salinas y Quintela (2001) el paisaje geográfico, como categoría científica general de carácter transdisciplinario, se concibe como un sistema espacio-temporal, complejo y abierto, que se origina y evoluciona justamente en la interfase naturaleza sociedad, en un constante estado de intercambio de energía, materia e información, donde su estructura, funcionamiento, dinámica y evolución reflejan la interacción entre los componentes naturales (abióticos y bióticos), técnico-económicos y socio-culturales.

En la elaboración del Modelo de Ordenamiento ambiental, inicialmente se realizan revisiones bibliográficas y cartográficas relacionadas con el área demostrativa, se elaboran informes preliminares y los mapas de apoyo. Esta información se comprueba y complementa en el campo con recorridos por el área. Se evalúan y aprueban los resultados finalmente con la propuesta de las políticas ambientales, usos ambientalmente recomendados, lineamientos, regulaciones y normas ambientales, por UP. En los análisis de la cartografía se emplea el SIG.

Esta investigación propone un modelo de ordenamiento ambiental definida a pequeña escala de análisis local, en una finca de agroecosistemas frágiles, el cual comprende las limitaciones ambientales, donde se le refiere a cada unidad el uso ambientalmente recomendado, según su potencial de acuerdo a sus recursos disponibles, la información obtenida, compatibilidad de uso y la problemática ambiental.

El modelo aporta propuestas de uso de acuerdo a su potencial de recursos naturales y su capacidad de resiliencia ante los impactos ambientales producidos por el Cambio Climático, lo que facilita el manejo sostenible de los recursos naturales en las unidades de paisaje.

El ordenamiento ambiental se define en tres escalas de trabajo: la nacional, la regional y la local; teniendo en cuenta las características físico-geográficas, socioeconómicas, las divisiones, los recortes territoriales naturales y político-administrativos de Cuba, según Iñiguez (2014), y la clasificación de los planes físicos del ordenamiento territorial (IPF, 1998).

Según Cárdenas et al. (2014), las etapas o fases seleccionadas que con su interacción conforman el modelo ambiental, de forma consecutiva son fase de organización,

caracterización, diagnóstico, propositiva y fase de interacción con el proceso de ordenamiento ambiental. En el caso de estudio para la finca, las etapas o fases seleccionadas que con su interacción conforman el modelo ambiental, de forma consecutiva son: caracterización, diagnóstico y propositiva como expuesto en la Figura 2.

Fase de Caracterización de la finca

Para la realización del diagnóstico, primeramente, se caracteriza el área de la finca demostrativa donde se describe cada uno de los componentes naturales y los antroponaturales del paisaje que lo conforman como se ve en el Cuadro 1.

Componentes naturales y los antroponaturales	Características
Paisaje natural	Caracteriza geología, relieve, clima, agua, suelo, vegetación y fauna
Sociodemográfico	Caracterización sociocultural donde se recogen datos de la finca, productos y servicios
Económico-productivo	análisis de los costos-beneficios de la producción agropecuaria
Diferenciación paisajística y sensibilidad ecológica	caracteriza las unidades de paisajes y determina la sensibilidad del ecosistema (vulnerabilidad a los eventos hidrometeorológicos extremos y a los escenarios de variabilidad climática).

Cuadro 1 - Componentes naturales y los antroponaturales del paisaje.

Fuente: Los autores (2021).

Fase Diagnóstico general

En esta etapa se determina, para cada unidad ambiental, la estabilidad, funciones, el peligro, la vulnerabilidad y riesgo tanto natural como antrópico, la relación uso actual con el uso potencial y el estado ambiental de la finca componentes que lo integran, como se ve en cuadro 2:

Detalles de la finca	Características
Limitaciones ambientales	Recogen los aspectos legales y aspectos naturales; peligro, vulnerabilidad y riesgo (PVR), cambio climático y sensibilidad ecológica.
Potenciales naturales	Tienen en cuenta los procesos y cambios que determinan el estado actual y futuro de los recursos naturales, los que al integrarse con el aspecto anterior definen el uso potencial por UP.
Compatibilidad de uso por UP	Describe la interrelación entre las variables de las UP y funcionamiento del ecosistema.
Problemática ambiental por UP	Diagnostica el estado actual de deterioro o degradación de las UP.

Cuadro 2 - Detalles de la finca

Fuente: Los autores (2021).

Mediante el diagnóstico integrado de todos estos componentes se determina el uso potencial de la finca por UP.

Fase propositiva

En esta etapa, se elabora el modelo instrumental de ordenamiento ambiental con la integración de los componentes descritos en todas las fases anteriores. Este modelo en interacción con el proceso de ordenamiento territorial y como producto informativo para productores y decisores, aporta propuestas diferenciadas por cada sistema ambiental identificados en la finca (CÁRDENAS, MATEO RODRIGUES, MARTÍNEZ, 2014).

En la gestión de la información se emplea el Sistema de Información Geográfico como herramienta para la aplicación de un modelo de ordenamiento ambiental a pequeña escala, se coleccionan una serie de datos que facilitan la interpretación y el análisis para la toma de decisiones oportunas y acertadas, en el manejo sostenible de los recursos naturales de las unidades ambientales (SANCHEZ, 2008). Así en Cuadro 3, expone:

Fase propositiva	Características
Zonificación ambiental por UP	Política ambiental del Estado de protección y conservación, restauración y aprovechamiento. Provee la localización y cuantificación de áreas con sus características físicas, biológicas y socioeconómicas propias, distinguibles entre ellas, por su potencial de recursos naturales y su capacidad de resiliencia ante el Cambio Climático y sus impactos ambientales; proporcionando la información necesaria para resolver los problemas que aún existen, que permitan revertir, recuperar y reorientar las transformaciones desde el punto de vista ambiental
Zonificación funcional por UP	Uso del suelo ambientalmente recomendado de acuerdo a sus características por UP.
Lineamientos, regulaciones y normas ambientales por UP	Recogen los lineamientos, regulaciones y normas vigentes aplicados a las UP.

Fuente: Los autores (2021).

A seguir, se expone las fases metodológicas para la elaboración del modelo de ordenamiento ambiental en finca de agroecosistema de montaña.
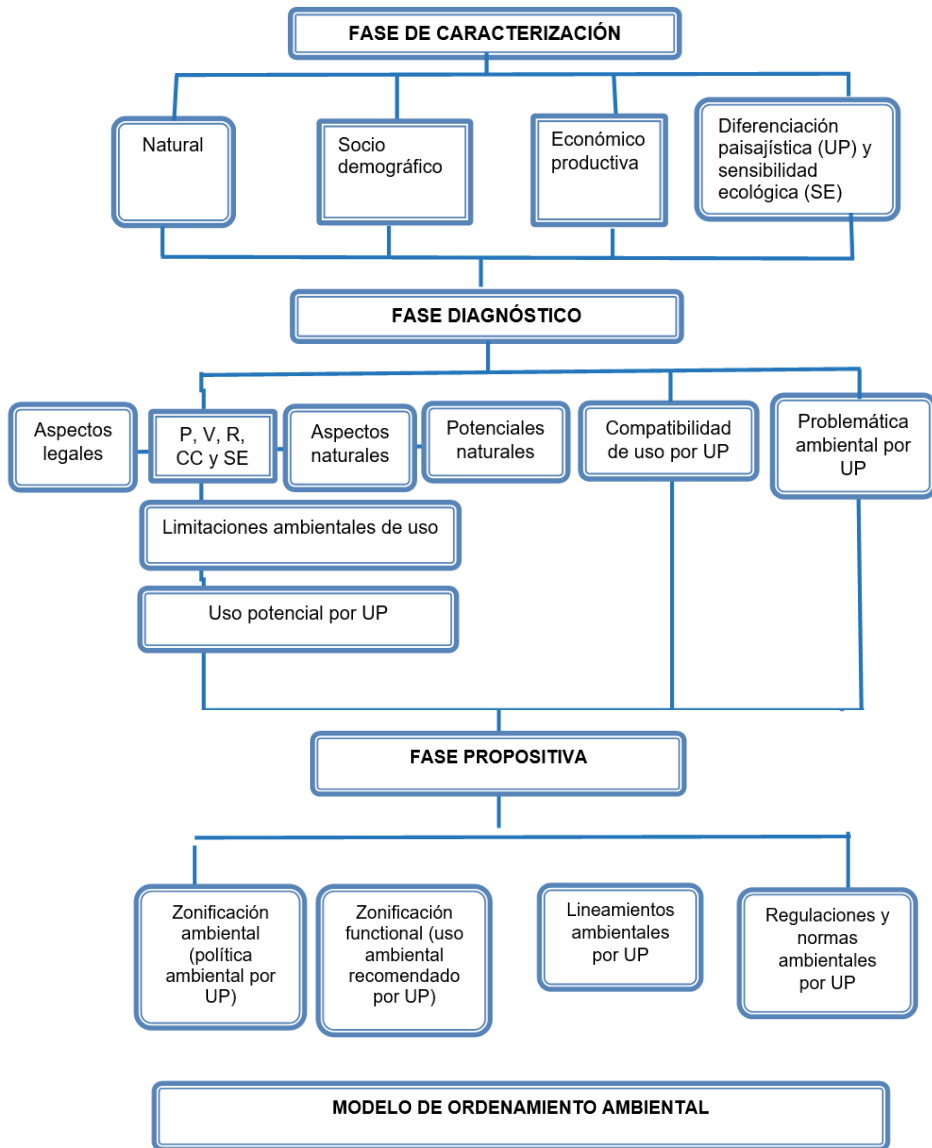
Figura 2. Fases metodológicas del modelo de ordenamiento ambiental

Fuente: Los autores (2021).

CONCLUSIONES

El modelo de ordenamiento ambiental sostenible permite incorporar la dimensión ambiental en el proceso de ordenamiento territorial, el cual aporta propuestas de uso por su potencial de recursos naturales y su capacidad de resiliencia ante los impactos ambientales producto del Cambio Climático.

Proporciona la información necesaria para resolver los problemas que aún existen, que permitan revertir, recuperar y reorientar las transformaciones como parte de la gestión ambiental.

Establece el manejo adecuado de los recursos naturales en prácticas agropecuarias bajo principios agroecológicos, mediante la zonificación ambiental y la funcional, la ocupación del territorio basado en las áreas de especialización productiva a pequeña escala en una finca.

REFERENCIAS

CAMILLERI, G. **Objetivos de Desarrollo Sostenible. Plataforma Articulada para el Desarrollo Integral Territorial (PADIT)**. Universidad de Guantánamo. Departamento de Desarrollo Local. Conferencia, 2019.

CÁRDENAS, O.; MATEO RODRIGUES, J. M.; MARTÍNEZ, J. M. **El Proceso de Ordenamiento Ambiental en Cuba**. Propuesta y Aplicación de su Procedimiento Metodológico a Nivel Nacional y Regional. La Habana, 2014.

ONU, Organización de Las Naciones Unidas. **Resolución aprobada por la Asamblea General el 25 de septiembre de 2015**. 2015. Disponible en: https://unctad.org/system/files/official-document/ares70d1_es.pdf. Acceso en: 21 set. 2021.

MATEO RODRIGUES, J.M. et al. Mapa de Paisajes. **Nuevo Atlas Nacional de Cuba**. Instituto de Geografía. 1989.

MATEO RODRIGUES, J.M. **Geoecología de los paisajes: bases para la planificación y la gestión ambiental**. Instituto de Geografía. La Habana. 2000.

MATEO RODRIGUES, J.M.; SILVA, E.V.; FIGUEIRÓ, A.S. Geoecología de los paisajes como base teórico-metodológica para incorporar la dimensión tecnológica a la temática ambiental. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 51, Seção especial: Técnica e Ambiente, p. 84-103, agosto 2019.

IPF, Instituto de Planificación Física. **Guía para la elaboración del Plan General de Ordenamiento Territorial y Urbanismo del Municipio**. Objetivos y Procedimiento General [inédito]. La Habana. 1998.

IÑIGUEZ, L. **Recortes, escalas y actores ¿qué nos dicen los territorios**? En Universidad, conocimiento, innovación y desarrollo local. Ed. Universitaria Feliz Varela. La Habana, 2014.

SALINAS, E.; QUINTELA, J. Paisajes y ordenamiento territorial: obtención del mapa de paisajes del estado de Hidalgo en México a escala media con el apoyo de los SIG. **Revista de Investigación del Bajo Segura**, Número 7. Madrid, 2001. p. 517-527.

SANCHEZ, M. T. **Metodologías para el Ordenamiento Territorial**. Instituto de Geografía, UNAM. México. 2008.

VALENCIA, F. **Consideraciones Jurídicas sobre el Ordenamiento Territorial Ambiental**. Perú. 2009.

VEGA, M. L. **La Dimensión Ambiental del Desarrollo**. Libro. Colombia. 2011.

CAPÍTULO 4

O ROCK INDEPENDENTE EM TERRAS SERTANEJAS: TERRITORIALIDADES DA MÚSICA ALTERNATIVA NO INTERIOR DE GOIÁS

Data de aceite: 01/11/2022
Data de submissão: 09/09/2022

Marcos Roberto Pereira Moura
Universidade Estadual de Goiás/UnU Porangatu (docente) e Universidade de Brasília (doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia) Porangatu – Goiás
http://lattes.cnpq.br/6766958441661476

RESUMO: A música, como produto cultural a acompanhar a existência humana, expressa grande riqueza de símbolos e significados. Dialogando com o interior humano, adquirindo maior evidência, nas últimas décadas, entre as pesquisas acadêmicas, a música tem se notabilizado como importante temática nos campos de estudo da ciência geográfica. No Brasil, durante as duas últimas décadas, diversos gêneros musicais têm sido retratados em diversas pesquisas no âmbito da Geografia (PANITZ, 2012). E como ressalta Cosgrove (2004), para interpretamos o simbolismo da paisagem, podemos recorrer aos produtos culturais, entre eles, a música. Para Panitz (2012), esse talvez seja o produto cultural mais presente no cotidiano dos indivíduos, dando sentido ao mundo ou às narrativas cotidianas. A capacidade de produzir espacialidades diversas, expressando o domínio dos grupos dominantes ou mesmo a resistência de grupos de poder político-econômico minoritário, pode ser efetuada por meio da música. As cidades de Porangatu e Uruaçu, localizadas no norte de Goiás, localidades que se encontram em um estado nacionalmente reconhecido por lançar duplas sertanejas no mercado, apresentam interessante articulação de grupos culturais, dedicados a inserirem no cenário musical desses territórios o rock alternativo. Outras cidades do interior goiano também se destacam pelos festivais de rock alternativo, como Iporá, Inhumas. Os festivais de música independente ocuparam o espaço urbano de várias cidades de Goiás, principalmente entre os anos de 2007 e 2014, compondo um projeto colaborativo, denominado Festival Grito Rock, que levou essa experiência de evento a vários municípios do país, sendo também realizado em outros países. Nos palcos desses festivais se apresentaram bandas que, distantes de contratos vultosos com as gravadoras, possuem composições originais, apresentando-se como produções pouco comerciais. No entanto, estes festivais propõem territórios fluídos na paisagem urbana, que divergem da habitual apropriação territorial efetuada predominantemente pela música sertaneja. Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Geografia da UnB e tem como objetivo compreender as interfaces dos territórios fluídos elaborados por estes festivais independentes, em sua composição material, que considera a música como um produto comercial e também como experiência simbólica, por grupos culturais minoritários que se expressam na espacialidade por meio de suas dinâmicas culturais, em específico, por meio da música. Foram realizados trabalhos de campo

em Porangatu e Uruaçu, bem como pesquisas em sites de coletivos culturais responsáveis pela realização de festivais independentes de música. Tais coletivos musicais empregam seus esforços em promover eventos que possam dar visibilidade a um estilo musical que não conta com uma persuasão de massa, o rock. Produtores musicais e público compõem uma paisagem urbana diferenciada nas cidades do interior goiano, trazendo uma nova identidade, contraditória ao estilo sertanejo, afirmando a constituição de novos territórios, ainda que efêmeros. Acreditamos que tal pesquisa nos possibilitará o contanto com grupos culturais, abrindo caminho para a possibilidade de reconhecer formas alternativas de produção e apropriação do espaço urbano quanto às práticas culturais.
PALAVRAS-CHAVE: Música, Festivais independentes, Territorialidades, Rock.

INDEPENDENT ROCK IN COUNTRYSIDE LAND: TERRITORIALITIES OF ALTERNATIVE MUSIC IN THE INTERIOR OF GOIÁS

ABSTRACT: Music, as a cultural product accompanying human existence, expresses a great wealth of symbols and meanings. Dialoging with the human interior, acquiring more evidence, in the last decades, between the academic researches, the music has been notable like important subject in the fields of study of the geographic science. In Brazil, during the last two decades, several musical genres have been portrayed in several researches in the field of Geography (PANITZ, 2016). And as Cosgrove points out (2004), to interpret the symbolism of the landscape, we can turn to cultural products, among them, music. For Panitz (2012), this may be the cultural product most present in the daily lives of individuals, giving meaning to the world or daily narratives. The ability to produce diverse spatiality, expressing dominance by dominant groups or even resistance by minority political-economic power groups, can be effected through music. The cities of Porangatu and Uruaçu, located in the north of Goiás, localities that are in a state nationally recognized for launching sertanejas double in the market, present interesting articulation of cultural groups, dedicated to insert in the musical scene of these territories the alternative rock. Other cities in the interior of Goiás also stand out for the alternative rock festivals, like Iporá, Inhumas. The independent music festivals occupied the urban space of several cities of Goiás, mainly between the years of 2007 and 2014, composing a collaborative project, called Festival Grito Rock, that took this experience of event to several municipalities of the country, being also realized in other countries. In the stages of these festivals bands have appeared that, far from contracts with the record companies, have original compositions, presenting themselves as commercial productions. However, these festivals propose fluid territories in the urban landscape, which diverge from the usual territorial appropriation effected mainly by sertaneja music. This work is part of a doctoral research in progress in the Postgraduate Program in Geography of UnB and aims to understand the interfaces of fluid territories elaborated by these independent festivals, in their material composition, which considers music as a commercial product and also as a symbolic experience, by minority cultural groups that express themselves in spatiality through their cultural dynamics, specifically through music. Fieldwork was carried out in Porangatu and Uruaçu, as well as research on sites of cultural collectives responsible for holding independent music festivals. Such musical collectives employ their efforts in promoting events that can give visibility to a musical style that does not count on a mass persuasion, the rock. Music producers and public make up a differentiated urban landscape in the cities of the interior of

Goiás, bringing a new identity, contradictory to the sertanejo style, affirming the constitution of new territories, although ephemeral ones. We believe that such research will enable us with cultural groups, paving the way for the possibility of recognizing alternative forms of production and appropriation of the urban space as well as cultural practices.
KEYWORDS: Music, Independent Festivals, Territorialities, Rock.

1 I INTRODUÇÃO

Era 1998, momento em que se experimentava, entre os geógrafos, uma geografia cultural renovada, processo que se inicia a partir dos anos 1970, Carney fazia um balanço de três décadas de pesquisas a respeito da abordagem geográfico-cultural da música. Naquele momento, o geógrafo comemorava a consolidação desse campo de estudo, evidenciado pelo aumento vertiginoso de artigos publicados em respeitadas revistas internacionais e anais de eventos (CARNEY, 1998). Do auto de sua análise, ao regozijar-se pela pluralidade de pesquisas no subcampo que lhe motivava, o autor lança a pergunta: O que o futuro reserva para a geografia musical?

Depois de mais de duas décadas, floresceram diversas abordagens a respeito da geografia da música, relacionados a instigantes temáticas. Esse trabalho a investigar os festivais de rock alternativo pelo interior de Goiás é uma demonstração de como esse campo de pesquisa é capaz de englobar, cada vez mais, novas nuances da relação entre música e espaço. Pois, como lembra Kong (1995), a música pode ser tanto uma experiência, como o resultado da experiência espacial.

Assim, o objetivo desse estudo é apresentar como os festivais de rock independente são responsáveis por gerar outras formas de territorialidades por meio de um novo gênero musical, em um território cuja música dominante é a sertaneja. A busca por referências bibliográficas contou com autores de várias nacionalidades, já que no Brasil, as discussões a respeito de geografia e música não avançaram tanto quanto em outros países, apesar de termos importantes trabalhos de geógrafos brasileiros nesse campo de pesquisa. Também foi realizado trabalho de campo de observação participante nas cidades de Uruaçu e Porangatu.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: Na seção dois, é destacado um breve panorama dos estudos em geografia da música; na seção três, ressalta-se o potencial de estudo dos festivais e cenas musicais para geografia; na seção quatro, expõe-se as territorialidades dos festivais alternativos em cidades do interior de Goiás, como Porangatu e Uruaçu.

Espera-se, com esse estudo ampliar as perspectivas de investigações sobre a geografia da música, demonstrando que os festivais podem caracterizar-se como importantes espaços de resistência, propondo o questionamento e a elaboração de novas identidades.

2 I HISTÓRICO DA GEOGRAFIA DA MÚSICA

A geografia tem se esforçado, principalmente a partir da década de 1980, por estabelecer a espacialidade de manifestações culturais. A expectativa por entender as formas como a cultura transforma o espaço e influencia as ações e simbolismos, tem levado a ciência geográfica a buscar amparo em outras ciências sociais, que tem avançado um pouco mais em relação aos elementos da cultura e sua interação com o indivíduo e a vida cotidiana. Pois, como afirma Claval (1999, p. 65), “aquilo que as pessoas recebem do mundo que as circundam, ou aquilo que elas experimentam é limitado espacialmente e traz a marca de uma época”.

Em relação às diferentes direções que podem tomar a pesquisa na ciência geográfica “há, em realidade, inúmeros caminhos a serem trilhados pelos geógrafos” afiança Corrêa e Rosendahl (2003, p. 13). A renovação da geografia cultural na década de 1980 trouxe grandes perspectivas para a investigação tanto da dimensão material como não-material da cultura.

Em 1968, surgia o primeiro artigo escrito por um geógrafo tratando da geografia da música, escrito por Peter Hugh Nash, o texto intitulava-se *Music Regions and Regional Music*. Dois anos depois, Jeffrey Gordon publicava *Rock-and-Roll: A Diffusion Study,* o primeiro trabalho de mestrado em geografia da música. Com trabalhos posteriores, consolidava-se aquilo que consideravam um novo subcampo da geografia cultural (CARNEY, 1998).

Contudo, Panitz (2017, p 22) reforça que “ao contrário do que se possa imaginar, quando tratamos de manifestações culturais e espaço geográfico, o interesse geográfico pela música não aparece no giro cultural dos anos 1980”. O autor considera que Ratzel e seu discípulo Frobenius (etnólogo e arqueólogo africanista), são responsáveis pelos primeiros estudos que relacionavam música e geografia. Ainda vale ressaltar que a *antropogeografia* fundada por Ratzel forneceu bases para que Frobenius efetuasse uma pesquisa focada apenas nos aspectos materiais da música, que caracterizou diferenças regionais a partir da forma como os nativos fabricavam seus instrumentos musicais, como tambores (REYNOSO, 2006).

Quando chegamos à década de 1990, não há dúvidas de que a maior evolução qualitativa da geografia da música se dá nesse período. A conferencia “*The Place of Music*” organizada pelo Instituto de Geógrafos Britânicos contribui para um cenário de importantes obras, como um livro homônimo que traz valiosas discussões, como a apresentada crítica a visão de uma cultura homogeneizada, entendendo que “longe de ser um espaço cultural homogêneo, o terreno da música popular é confrontado com espaços alternativos de produção musical e resistência cultural” (LEYSHON et al 1998, p. 428). Em uma contribuição que talvez seja a mais importante para a geografia da música nos anos 1990, Kong, geógrafa senegalesa, apresenta como o estudo da música pode retratar as lutas travadas por países periféricos contra uma cultura dominante, mostrando que a

música pode se apresentar como manifestação de resistência contra imposições de valores e identidades (KONG, 1995).

No escopo de uma "antropologia sonora", Pinto (2001, p. 223) nos fornece importantes constatações a respeito do promissor potencial investigativo da música quando nos lembra que

> o fato de permear tantos momentos nas vidas das pessoas, de organizar calendários festivos e religiosos, de inserir-se nas manifestações tradicionais, representando, simultaneamente, um produto de altíssimo valor comercial, quando veiculada pelas mídias e globalizando o mundo no nível sonoro, faz da música um assunto complexo e rico de possibilidades para a investigação

O espaço torna-se importante cenário, que não é estático, mas interage com as ações humanas. A vida cotidiana segue em meio às diversas manifestações culturais, a música, como uma destas, torna-se reflexo das relações humanas entre si e com o espaço. As relações entre geografia e música são bastante visíveis, de maneira que a música é constituída em diferentes configurações espaciais, muitas vezes descrevendo as nuances de díspares territórios. Apesar disso, Panitz (2012, p.2) assevera que

> A geografia da música, apesar de quase um século de existência oficial, só recentemente tem tido a devida atenção dos geógrafos interessados no estudo da cultura e das manifestações artísticas em sua dimensão espacial [...] no âmbito iberoamericano verifica-se sua pouca difusão, com exceção do Brasil, onde se encontra um considerável número de teses e dissertações produzidas nos últimos vinte anos, além de artigos e traduções de artigos seminais na temática.

A importância da música como campo de estudos a favorecer o decifrar da produção de identidades territoriais adquire cada vez mais importância, convertendo-se em maior número de publicações. Crozat (2016, p. 20) reforça que "a música nos dá uma relação fictícia com horizontes a priori identitários, mas quase sempre espacializados: raras são as produções musicais que não estão ligadas a espaços muito bem definidos". A música é a imagem dos lugares e apresenta a experiência de vida nestes. O autor ainda complementa expondo que, ao oferecer um campo de referências, a música promove a transformação do espaço em território, criando identidades territoriais.

Na esteira de possibilidades, a abordagem geográfica da música abre-se para o estudo de importantes eventos culturais tendo as canções como seu principal produto. Entre esses eventos estão os festivais em suas cenas musicais, apresentando uma demarcada espacialidade, favorecendo as investigações.

3 I OS FESTIVAIS DE ROCK E A COSNTRUÇÃO DE CENAS MUSICAIS

Como proposta de experiência única no tempo e espaço, os festivais ocorrem em várias partes do mundo, tornando-se cada vez mais numerosos. Por definição, festivais são eventos que podem estar associados a diversas ações humanas, por celebrar o sagrado ou

profano, o tradicional ou inovador, artes que reforçam os costumes ou que propõem novos conceitos. Cudny (2014) ressalta que os festivais já eram conhecidos desde a antiguidade, mas, floresceram a partir dos anos 1960.

Segundo o autor, "o desenvolvimento do festival acompanhou a ascensão social, as mudanças na gestão do tempo de lazer e surgimento de sociedades pós-industriais em busca de novas e intensas experiências" (CUDNY, 2014, p.132).

Os festivais de música podem ser classificados como eventos, que segundo Getz (2012), são fenômenos com duração temporal definida, em espaço aberto ou fechado. "O evento é sempre presente, mas o presente não é obrigatoriamente o instantâneo. Daí decorre a ideia de duração, isto é, do lapso de tempo em que um dado evento, guardando suas características constitucionais, tem presença eficaz.", assevera Santos (2006, p. 96-97).

Os festivais representam uma parte importante da rede de distribuição da música independente e da produção de afetos, compondo uma organização maior, definida como *cena*. De acordo com Janotti Jr. e Pires (2011, p. 11), cena é um conceito que "foi largamente utilizado por jornalistas, nas décadas de 80 e 90, para conceituar as práticas musicais presentes em determinados espaços urbanos e seus desdobramentos sociais, afetivos econômicos e culturais". O conceito de cena tratado inicialmente por Straw (1991), foi caracterizado pelo autor como uma materialização no espaço de práticas musicais que interagem entre si, trata desde as questões econômicas, às questões afetivas no processo de produção e consumo da música.

Com o processo de globalização e consequente mundialização da cultura, impulsionada pela evolução do sistema informacional, essencialmente com o advento da *internet*, era necessária uma reelaboração do conceito de cena, que fosse capaz de abarcar as novas relações de produção-distribuição-consumo da música, inclusive por meio de redes sociais. Assim, Bennet e Peterson, ao admitir a variedade de cenas possíveis, vê a possibilidade de agrupá-las em três grupos distintos

> A primeira **cena local** corresponde mais de perto a noção original de uma cena agrupada em torno de uma área geográfica específica foco. A segunda **cena translocal** refere-se a cenas locais amplamente espalhadas atraídos para comunicação regular em torno de uma forma distinta de música e estilo de vida. A terceira, a **cena virtual**, é uma formação recém-emergente, na qual, pessoas espalhadas por grandes espaços físicos, criam a sensação de cena via fanzines e, cada vez mais, através da Internet (BENNET E PETERSON, 2004, p. 6-7, **grifo nosso**).

Apresentando importantes aspectos da cultura, os festivais são destacáveis eventos a propiciarem a compreensão de elementos da cultura contemporânea. Cudny (2016) reforça que, o crescente interesse de pesquisadores pela cultura, também favoreceu o desenvolvimento de estudos sobre eventos e festivais nas últimas décadas do século XX.

Um elemento importante a ser ressaltado nos festivais é a experiência, sendo algo

de destaque para o sucesso desse tipo de evento. Os festivais têm como a essência de sua proposta serem organizados como experiência nova e singular (CUDNY, 2016). Quem vai a um festival espera experimentar emoções e sentimentos que se conectam em uma atmosfera espaço-temporal previamente organizada. Os festivais de rock articulam-se nesse intuito.

O maior festival de rock no Brasil, obtendo reconhecimento internacional, é o Rock in Rio, criado no ano de 1985, com a nonagésima edição marcada para setembro de 2019. De acordo com Ruas (2013, p. 72),

> entre os dias onze e vinte e um de janeiro de 1985 em um terreno de duzentos e cinquenta mil metros quadrados construído especialmente para abrigar o festival, em Jacarepaguá/RJ, também conhecido como a "Cidade do Rock", aconteceu a primeira edição do festival.

Foi esse importante festival brasileiro que provou que existia um público de rock no Brasil. Piccoli (2008) reforça que antes do *Rock in Rio*, os produtores de evento e a mídia não haviam detectado um público jovem ávido por consumir esse estilo de música. O festival causou grande impacto sobre o cenário da música brasileira, redirecionando a produção musical e a ação da mídia.

O gênero musical que hoje anima os festivais de música marcando a irreverência da juventude por todo o planeta nascera nos pós-guerra nos Estados Unidos. Como destaca Gatto (2011), a estrutura rítmica e melódica do rock deve muito ao blues, música de origem escrava cantada em meio ao trabalho no campo. A façanha de criar o termo rock and roll é creditada a Alan Fredd, que no início dos anos 1950 promovia festas de discotecagem na cidade estadunidense de Cleveland (GATTO, 2011).

Os festivais são importantes produtos culturais a evidenciarem a riqueza da cultura local, regional, ou ainda global. Segundo Cudny (2016, p. 13),

> Os festivais fazem parte da cultura não material, pois apresentam arte, costumes e simbolismo cultural. Podem ser uma emanação da cultura local ou regional (pequenos, por exemplo, festivais baseados na comunidade ou regionais), mas também da cultura global (cinema em larga escala ou festivais de música).

Apresentando-se como um processo material, com uma cronologia definida e um espaço delimitado, uma dimensão importante dos festivais é a sua representação simbólica como produto de uma cultura. Tuan (1980) ressalta que a percepção humana do espaço é construída amparada por todos os sentidos, constituindo a configuração que guardamos em nossas mentes. Os festivais de música garantem a possibilidade de experimentarmos novas territorialidades elaboradas em torno da música. Novas representações do espaço são articuladas nesses territórios fluídos, compostos por um estilo de música e vestuário que remetem à transgressão da ordem social vigente. Conforme Haesbaert (2004), um território, em uma de suas vertentes, é o produto da apropriação simbólica de determinada

grupo. Analisar as características concretas e subjetivas dos territórios dos festivais é uma postura investigativa amparada pela concepção de que, todo território é ao mesmo tempo um conjunto indissociável funcional (relações de produção, trabalho) e simbólico (representações, simbolismos), como defende Haesbaert (2004).

Apesar da impressão de que os serviços de *streaming* de música[1] e a grande circulação do formato MP3, impulsionados pela internet, promovem o transcurso de desterritorialização da música, o que de fato acontece, é que ainda há uma forte relação entre a produção musical e o espaço em que se consome esse produto cultural. Assim, a música ainda mantém forte relação com os territórios, o que pode ser evidenciado pelos festivais de rock alternativo, que de Goiânia-GO, passaram a ocupar várias cidades do país, inclusive no interior goiano.

4 I OS FESTIVAIS DE ROCK ALTERNATIVO EM PORANGATU E URUAÇU

No interior de Goiás, ambiente famoso por lançar no mercado fonográfico, duplas sertanejas, Porangatu e Uruaçu são duas espacialidades em que as bandas de rock criam suas territorialidades efêmeras. As duas cidades do norte goiano compartilham o fato de sua expansão urbana estar associadas à criação da BR-153, bem como dividem a experiência de realizar festivais de rock pelo interior goiano. Sendo realizados desde 2009 em Porangatu, os festivais de rock alternativo, sempre com a participação de canções autorais, serviram de inspiração aos roqueiros de Uruaçu. Desse modo, o *Goyazes Festival*, realizado em Porangatu mantém estreita relação com o festival *Gaffurina*, que acontece todos os anos em Uruaçu, desde 2012.

Os festivais de rock independente que acontecem pelo interior de Goiás criam verdadeiros movimentos de resistência em favor da música alternativa. Distante do grande eixo Rio - São Paulo, estes festivais são um manifesto em favor da diversidade musical, e portanto cultural, do estado de Goiás. Ao evidenciar no espaço as identidades alternativas daqueles que propõe e participam dos festivais, estes nos indicam a proposta de dar visibilidade a movimentos culturais que expõem toda a diversidade cultural que por vezes é obscurecida por uma enganosa homogeneidade cultural.

Contudo, ao se tratar do rock alternativo em cidades do interior, se faz necessário destacar a cena musical constituída em Goiânia, onde, desde os anos 1980, o *punk rock* já ocupava a paisagem sonora da capital do estado (Carrijo, 2011). Mas, como retrata Bevenides (2008), o ano de 1995, mesmo ano em que a capital goiana buscava preencher uma lacuna identitária a partir da outorga do estilo *country*, era criada a primeira edição do festival *Goiânia Noise*, que em 2019, completa 25 edições. A partir de então, Goiânia seria considerada a “Seattle brasileira[2]” (Carrijo, 2011), por ganhar representatividade no

1 O serviço de *streaming* de música refere-se à distribuição desse conteúdo, em formato digital, sem o download de dados para o computador do usuário. São importantes provedores desse tipo de serviço empresas como *Spotify* e *Deezer*.
2 O termo associado à cidade de Goiânia faz referência à cidade dos Estados Unidos que se tornou referência mundial

cenário nacional como espaço da música independente no Brasil. Bandas de rock que não tinham lugar para tocar, foram construindo *pubs* pra esse fim e aqueles que não tinham onde gravar suas músicas, resolveram gravá-las por conta própria e Goiânia passou a se notabilizar pelas bandas e shows de rock (BEVENIDES, 2008).

Da estabelecida cena musical em Goiânia, baseada no rock, coletivos culturais e bandas da capital fazem um "rolê[3]" pelo interior do estado, promovendo territorialidades fluídas e efêmeras. Segundo Herschmann (2013), o conceito de cena sugere relações de maior fluidez, num contexto de informalidade, ressaltando o protagonismo dos atores sociais. Coletivos culturais, bandas e público em um processo colaborativo estabelecem novas territorialidades por meio da música. Na figura 1, o Festival Gaffurina, realizado em Uruaçu, demonstra como o evento cria novos simbolismos para o espaço urbano em delimitado tempo e espaço. O coreto da praça, onde tradicionalmente cantavam os corais da igreja recebe luzes coloridas transformando-se em um palco, de onde emana o vigor do rock'n'roll.

Figura 1 – Festival Gaffurina

Fonte: Do autor, 2014

No Brasil, quem está a cargo de favorecer a difusão e organização de festivais independes no país, na expectativa de promoção de um calendário nacional de festivais, é a Rede Brasil de Festivais, criada em 2012, em substituição à ABRAFIN (Associação Brasileira de Festivais). Em carta, trezes festivais que ao saírem da ABRAFIN causaram a sua implosão para a criação da Rede Brasil de Festivais, fizeram duras críticas à associação (BRAGATTO, 2012). Porém, discussões à parte, a associação de festivais objetiva a

---

neste cenário da música alternativa.

3 Gíria comumente utilizada por bandas de rock alternativo, que denota um caráter despretensioso quanto à remuneração financeira, durante a atuação em turnês por festivais.

elaboração de redes que possam destacar o trabalho de bandas independentes. Além da rede de festivais, impulsionada por essa associação, vale ressaltar as ações do Grito Rock, festival colaborativo, que democratiza o acesso a tecnologias sociais, incentivando a criação de festivais em várias partes do país (GRITO FESTIVAL, 2019). Foi por meio dessa iniciativa que os festivais de rock independente chegaram a várias cidades do interior do país, como em Porangatu e Uruaçu, em Goiás. A seguir, apresentamos um mapa dos municípios do interior goiano que realizaram festivais apoiados pela plataforma Grito Rock (fig. 2).
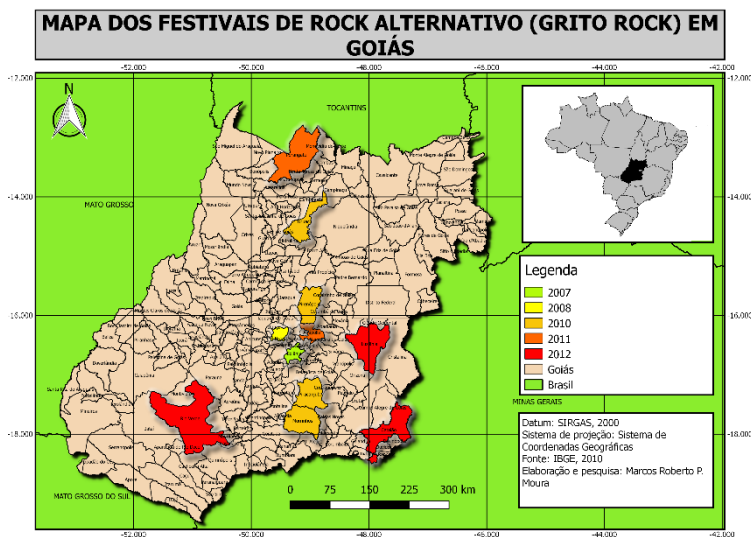
Figura 2 – Mapa dos festivais de rock alternativo em Goiás

Fonte: Do autor, 2019.

Os festivais de rock, ao ocuparem o espaço urbano das cidades de Porangatu e Uruaçu, territorializam essas áreas promovendo novos significados e simbolismo, configurando novas identidades, ainda que a construção social desses espaços culturais seja de forma efêmera. Sack (2013, p. 63) postulava que a territorialidade "é uma poderosa estratégia geográfica de controlar pessoas e coisas por meio do controle da área". Assim, se territorialidade envolve uma forma de classificação de área (SACK, 2013), os citados festivais ocupam praças e espaços fechados, classificando-as como ambiente de apropriação de culturas da música alternativa. Se territorialidades devem apresentar algum tipo de comunicação, que demarque limites e fronteiras (SACK, 2013), a fluidez dos territórios de festivais como esses, estabelece limites simbólicos configurados pelos estilos dos visuais dos participantes e seu modo de agir, bem como um gênero musical divergente em relação às práticas musicais dominantes. E se as territorialidades se relacionam a impor

controle sobre uma área e as coisas dentro desta (SACK, 2013), os festivais independentes em Porangatu e Uruaçu, apesar de serem realizados com entrada gratuita, muitas vezes no espaço de uma praça aberta, estabelece um controle simbólico, direcionando interações esperadas.

Não são numerosos os trabalhos que tratam dos festivais alternativos de música no campo da Geografia e o espaço desse artigo é restrito para maiores elucidações. Contudo, reforçamos a necessidade de se reconhecer o papel desses festivais e suas territorialidades, bem como a atuação desses grupos culturais na elaboração de cenas musicais, o que nos trará a possibilidade de trazer à luz, formas alternativas de produção e apropriação do espaço urbano quanto às práticas culturais.

5 I CONCLUSÃO

Os avanços alcançados pela geografia da música são consideráveis em países europeus e nos Estados Unidos. No Brasil, essa evolução ocorre de forma um pouco mais lenta, apesar de ser promissora. O número de publicações e eventos associados a essa temática ampliam-se no mundo, mas também no Brasil.

Apesar de ser um tema que tradicionalmente foi abordado por antropólogos e sociólogos, os festivais começam a ser pesquisados por geógrafos, que enxergam nesse tipo de evento as condições propícias para a pesquisa a respeito da elaboração e reelaboração de identidades.

As territorialidades dos festivais de música independente promovem a construção, ainda que efêmera, com definidas condições de tempo e espaço, de espaços de resistência, onde grupos minoritários exercem sua capacidade de questionamento aos gêneros musicais dominantes. Novos significados são dados ao espaço. Por fim, coloca-se como intenção a colaboração para o incentivo de mais trabalhos, que no âmbito da geografia, possam pesquisar a pulsante articulação dos festivais de música.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Rubens De Freitas. **Cenários modernos e pós-modernos no Brasil:** juventude, política e rock-and-roll. 351 f. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, 2008.

BRAGATTO, Marcos. **Rock em geral**. Disponível em: http://www.rockemgeral.com.br/2011/12/14/abrafin-festivais-sairam-porque-nao-se-sentiam-representados/ Acesso em 03 de fevereiro de 2019.

CARNEY, George. Music Geography. **Journal of Cultural Geography**. Vol.18: p.1-10, 1998.

CARRIJO, Aline Fernandes. **Goiânia, Seattle brasileira?** A construção das cenas de rock alternativo no Brasil. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011, p. 1-15.

CLAVAL. Paul. **A Geografia Cultural**: o estado da arte. In: Corrêa, R. L. &Rosendahl, Z. (orgs.). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 59-97.

CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (orgs.): **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte**: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs) In: Paisagem, Tempo e Cultura. EdUERJ. 2ªed. 2004.

CROZAT, Dominique. Jogos e ambiguidades da construção musical das identidades espaciais. In: DOZENA, Alessandro. (Org.). **Geografia e Música: Diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016. p. 13-48.

CUDNY, Waldemar. Festivals as a subject for geographical research, **Geografisk Tidsskrift-Danish Journal of Geography**, Vol. 114, No. 2, p.132–142, 2012.

______. Festivalisation of Urban Spaces: Factors, Processes and Effects. Cham: Springer, 2016.

GATTO, Vinicius Delangelo Martins. **Rock Progressivo e Punk Rock** uma análise sociológica da mudança na vanguarda estética do campo do rock. 2011, 134 p. (Dissertação) Mestrado em Sociologia, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UNB), Brasília.

GRITO ROCK. Disponível em: https://gritofestival.org/ Acesso em 12 de janeiro de 2019.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HERSCHMANN, Micael. Cenas, Circuitos e Territorialidades Sônico-Musicais. In: SÁ, Simone Pereira de JANOTTI JUNIOR, Jeder (Orgs.). **Cenas musicais**. São Paulo: Anadarco Editora, 2013.

JANOTTI JR, Jeder Silveira e PIRES, Victor de Almeida Nobre. Entre os afetos e os mercados culturais: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais. JANOTTI JR, Jeder Silveira; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Victor de Almeida Nobre (orgs.) **Dez anos a mil:** Mídia e Música Popular Massiva em Tempos de Internet. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

KONG, L. Popular Music in Geographical Analyses**. Progress in Human Geography**, v.19. p.183-198. 1995.

LEYSHON, Andrew; MATLESS, David; REVILL, George. **The place of music**. New York: Guilford Press, 1998.

PANITZ, Lucas Manassi. Por uma geografia da música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. **Para Onde!?,** Volume 6, Número 2, p. 1-10, jul./dez. 2012.

______. Redes musicais e [re]composições territoriais no Prata: por uma Geografia da Música em contextos multilocalizados / Lucas Manassi Panitz. 423 f. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.

PICCOLI, Edgar. **Que rock é esse?** : a historia do rock brasileiro contada por alguns de seus ícones. SP, Globo, 2008.

PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música**: Questões de uma Antropologia Sonora. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 44 nº 1, p. 221-286, 2001.

REYNOSO, Carlos. **Antropologıá de la música**: De los géneros tribales a la globalización. Volumen I: Teorías de la simplicidad. Buenos Aires: Editorial Sb, 2006.

RUAS, Rayane. **Festivais musicais**: um estudo sob a ótica do turismo.197 f. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília. Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional em Turismo, 2013.

SACK, Robert. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais.** 2. ed. rev.
Florianópolis: Insular, 2013, p. 63-90.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 2006.

STRAW, Will. Systems of Articulation, Logics of change: Scenes and Communication in Popular Music**. Cultural Studies**. Vol 5, n. 3, p. 368-388, Oct. 1991.

TUAN, Yi-fu. **Topoflia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difusão Editorial, 1980.

CAPÍTULO 5

@LLAKI: PRODUÇÃO DE SOFTWARE BASEADO EM DADOS GEOMÁTICOS DA FRONTEIRA

Data de aceite: 01/11/2022
Data de submissão: 07/10/2022

Rodrigo Freire dos Santos Alencar
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
Ponta Porã – Mato Grosso do Sul
http://lattes.cnpq.br/2510376375293399
https://orcid.org/0000-0001-5457-3515

João Batista Alves de Souza
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
Ponta Porã – Mato Grosso do Sul
http://lattes.cnpq.br/4724688760902492
https://orcid.org/0000-0001-5073-3534

RESUMO: O trabalho @llaki consiste em um sistema de informações geográficas para divulgação do turismo na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Utilizando informações visuais como a fotografia do local, textuais contendo dados descritivos e localização geográfica dos estabelecimentos cadastrados no sistema. Categorias de pesquisa são oferecidas ao usuário: alimentação, compras, hotelaria, serviços públicos, transporte, lazer e turismo. Subcategorias de cada tópico, possibilitando a escolha da região. Após a seleção da região, categoria e estabelecimento, as informações do local são fornecidas ao turista. Prestando uma fonte confiável e segura de todos os locais cadastrados, promovendo a visibilidade de regiões que não estão inseridas em mecanismos de pesquisa, proporcionando maior alternativa para a população turística e regional.
PALAVRAS-CHAVE: Software, Georreferenciamento, Turismo, Fronteira.

@LLAKI: SOFTWARE PRODUCTION BASED ON GEOMATIC FRONTIER DATA

ABSTRACT: The work @llaki consists of a geographic information system to promote tourism in the border between Ponta Porã and Pedro Juan Caballero. Using visual information such as photos of the place, textual information containing descriptive data and geographical location of the establishments registered in the system. Search categories are offered to the user: food, shopping, hotels, public services, transportation, leisure and tourism. Subcategories of each topic, enabling the choice of region. After the selection of the region, category, and establishment, the location information is provided to the tourist. Providing a reliable and safe source of all registered sites, promoting the visibility of regions that are not inserted in search engines, providing a greater alternative for the tourist and regional population.
KEYWORDS: Software, Georeferencing, Tourism, Frontier.

1 I INTRODUÇÃO

O presente é resultado do trabalho de conclusão de curso e teve como proposta a produção do software Hallaki [1], o propósito de

1 Hallaki (procure aqui - Neologismo das palavras em espanhol Halla = Procure; Aki = Aqui), posteriormente alterado para @llaki,

sua criação é facilitar a localização de estabelecimentos da fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Consiste em um sistema de informações geográficas para divulgar o turismo, informando sobre o local, com fotografias, textos descritivos e localização geográfica dos estabelecimentos cadastrados no sistema, prestando contribuição social para serviços públicos, localização de hospitais, farmácias, prefeitura, receita federal e demais órgãos públicos.

O município de Ponta Porã, oficializado em 18 de julho de 1912, situado no estado de Mato Grosso do Sul, perfaz sua delimitação simbólica, intitulada “Fronteira Seca” com o município Paraguaio de Pedro Juan Caballero. (REGISTROS, 2017). O município de Pedro Juan Caballero, oficializado em 1956, nomeado como primeiro Intendente Municipal pelo Decreto nº 18.387, Don Carlos Domínguez. Designada capital do departamento de Amambay, pelo decreto de 10 de julho de 1945. (CARDONA, 2017).

Em 1911 surge a definição primária de Turismo, por meio do economista Hermann von Schullern zu Schattenhofen:

> É o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência, e na saída do turista de um determinado município, pais ou estado. (BARRETO, 2008, p. 9).

Sua definição está associada as pessoas, ao indivíduo que está envolvido em uma visita e seu ambiente se encontra fora de sua residência, sua causa é movida por diversos fatores, como: saúde, educação, lazer, entre outros. De acordo com Moesch (2012) em definições recentes da OMT – Organização Mundial do Turismo, compreende-se que:

> O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras. (OMT, 1998, p. 47, tradução nossa).

Sampaio (2013), menciona os sociólogos europeus Giuli Liebman Parrinello e Graham Dann, que respaldados pelo comitê de investigação do turismo internacional, se engajaram na produção de diversos estudos na área do turismo, em resposta a hegemonia da tradição anglófona transatlântica e europeia continental, que em suas palavras monopolizavam a área especialmente acadêmica, dessa forma os sociólogos foram motivados a apresentar contrapontos e novas perspectivas para visualizar o turismo não apenas como uma ciência nichada, mas de forma integral e prática na sociedade. Tal compromisso também motivou o desenvolvimento realizado do software @LLAKI, para a produção de material científico na área do turismo em uma região de impacto internacional com uma perspectiva *in loco* da fronteira.

A fronteira apresenta o fenômeno geográfico da conurbação, ocorre quando regiões distintas se expandem de tal forma, que passam a compartilhar o mesmo espaço, comumente em centros urbanos; promovendo uma série de peculiaridades e reverberações.

---

adaptando uma gramática *cyberspace*.

(CURY, 2017). Expresso na Figura 1:
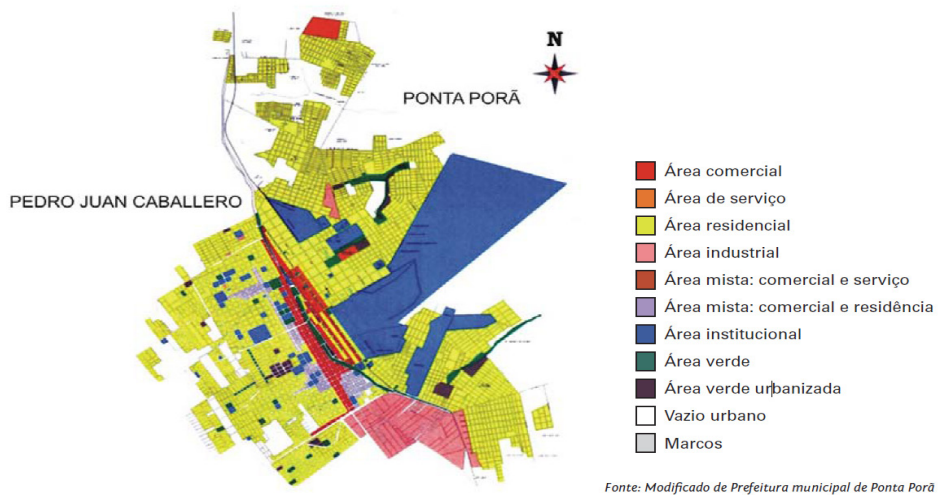
Figura 1 A Conurbação de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero.

Fonte: ALOVISI; ANDRADE; MATOSO (2010, p. 34).

Mantendo intensa interação turística social e cultural, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, proporcionam rica experimentação aos turistas, oportunizado pela conurbação entre os municípios, contemplando aspectos como Turismo de Aventura, que compreende os movimentos turísticos para a prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo, Turismo (2017a). O Turismo de Contemplação voltado para experiências no ambiente natural, Turismo (2017b). O Turismo Histórico promove o contato com o patrimônio histórico e cultural, Turismo (2017c). Já o Turismo de Compras tem como objetivo principal a experimentação comercial, Turismo (2017d).

Apesar do grande potencial turístico da Fronteira, existem fatores que influenciam o desempenho, impedindo o alcance do seu potencial pleno. As mídias, propagandas e meios de comunicação que limitam a exploração e o conhecimento do turista em sua estada na fronteira, por conta do conteúdo duvidoso vinculado ou falta dele, além de proprietários de estabelecimentos que não se posicionam no ambiente virtual. Em contraste ao que mencionam Vilela e Costa (2020), as políticas públicas e planos nacionais de turismo (PNT) no período de 2018-2022, incentivando a inovação e pela primeira vez inserida nos planos, a definição intencional do posicionamento estratégico do Brasil como produto turístico, para isso necessita-se de destinos turísticos inteligentes.

Em resposta a essas necessidades desenvolveu-se um software multiplataforma de Georreferenciamento da Fronteira, integrando o sistema de gerenciamento de conteúdo WordPress, e o sistema de informações geográficas Google Maps. A escolha dos pontos a

serem localizados se deu por amostragem, localizando e fornecendo informações visuais, textuais e geográficas. A captura de imagens das localizações deve-se ao Google Street View. Juntamente com um aplicativo que atua em conjunto com o sistema, desenvolvido na plataforma MIT App Inventor. Logo o sistema @llaki, pretende atuar no georreferenciamento da Fronteira.

2 I REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Problemática

Ao observar a realidade turística da Fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, se vislumbra roteiros de visitas aparentemente pré-estabelecidos, pelas mídias, propagandas e meios de comunicação, limitando a exploração e o conhecimento amplo do turista em sua estada na fronteira.

> De fato a mídia exerce influência no setor turístico e possui papel fundamental para o desenvolvimento desse setor. Ao modificarmos nossa agenda em função da agenda da mídia, veiculada por meio das notícias, propagandas, campanhas etc; fica implícita sua influência, às vezes de forma direta, outras indireta, tanto a curto, médio ou longo prazo. (PERETTI; MEGIOLARO, 2011, p. 13).

A disseminação de *Fake News*, prejudica o desempenho do turismo de forma geral. Principalmente em cidades fronteiriças, Kukiel e Silveira (2020) ressaltam a importância desse tópico pois a fronteira é um lugar de diversas trocas, comerciais, culturais e até gastronômicas, um lugar de encontro e diversidade, mais que um limite territorial e comércio, é uma integração fazenda dela um lugar especial e significativo.

> Use a tecnologia e as redes sociais para permitir aos visitantes a pesquisa a partir de casa e recolher as informações básicas. No entanto, muitos hotéis e empresas de transporte parecem que escondem os números de telefone em seus sites. Combine as informações básicas que podem ser fornecidas pelo computador com o lado humano da informação. Lembre-se que, se o turista nunca chegar até você, pode achar que o seu cliente encontrou um local mais agradável. (TOURISM, 2017).

É comum localizações, endereços e descrições presentes em mecanismos de pesquisas, faltar com a verdade e diferir da realidade, quando tais informações são colocadas a prova, apresentam resultados discrepantes, tal fato caracteriza-se como empírico e parte das experiências do autor, na trajetória deste trabalho. A salientar, diversos pesquisadores, visualizam tal cenário como empecilho ao desenvolvimento do turismo.

> São tantas as mentiras para tirar dinheiro das pessoas que um pouco de ceticismo faz bem para quem deseja dar um pouco mais de prioridade aos gastos com o seu dinheiro na escolha da compra de atrações turísticas sensatas do que deixar se levar pela falta de caráter de certos agentes de viagens e guias de turismo que visando a venda de um produto que

> os remuneram uma alta comissão, estimulam o cliente a ser enganado por ilusões e farsas. (WIRES, 2017).

Tais exemplos apontam que proprietários de estabelecimentos, que não investem no uso de tecnologias, não se posicionando virtualmente, afetam não apenas seu estabelecimento, mas à fronteira. Araújo, Pereira e Oliveira (2020), mencionam que os índices de desenvolvido da fronteira também chamada de cidades gêmeas, foram analisados pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social de Fronteias (IDESF), foi constato a necessidade de mais políticas públicas para reverter a omissão. É observado certo descompasso do desenvolvimento da fronteira em comparação a demais cidades, pois presta serviços básicos que se expandem pela conurbação. Também se associa a criminalidade, mas não foi observado diferença significativa na taxa de homicídios da média das cidades brasileiras. Ponta Porã está no meio do caminho no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Portanto a realidade fronteiriça necessita de cuidados para manter sua vitalidade.

2.2 Soluções

Tomando ciência dessa problemática, a necessidade de informações de qualidade e um turismo inteligente, sugere-se um sistema contendo fontes confiáveis e seguras de informações, inserindo locais que não estão presentes em mecanismos de pesquisa, proporcionando maior alternativa para a população turística e regional, auxiliando nas operações turísticas e contribuindo significativamente para a sociedade, como é evidenciado:

> A tecnologia toca em quase todos os aspectos da indústria do turismo. Se formos inteligentes o suficiente para usar os benefícios da tecnologia, tais como a conveniência, velocidade e precisão e evitar algumas das armadilhas, a facilidade de utilização, tamanho de letras e falta de contato humano, a tecnologia pode ser uma grande ferramenta para poupar tempo e dinheiro. (TOURISM, 2017).

Ao analisar o momento da utilização do sistema, é de vital importância a experiência da interação do usuário, embasando o desenvolvimento de um sistema interativo, dinâmico e responsivo facilitando o manuseio. Apontam as experiências visuais:

> Na composição de um layout, sempre que possível, procuramos trabalhar com elementos que representem a empresa e que mostrem a preocupação que temos com os detalhes. Assim, inserimos texturas, ícones, símbolos, ilustrações e gráficos que facilitem a compreensão da mensagem pelo cliente final e favoreçam a sua formação de opinião a favor da empresa. (CONCEITO, 2017).

Em virtude disso o layout do sistema procura ser intuitivo, com imagens autoexplicativas e mecanismos que facilitam a utilização do sistema.

3 | METODOLOGIA

As ferramentas a seguir, foram utilizadas para o desenvolvimento do @llaki. A plataforma de gerenciamento de conteúdo WordPress, compõe sua estrutura. O Google Maps, atua na produção do mapa virtual, onde os locais são inseridos. Google Street View, ferramenta utilizada para captura fotográfica dos locais. Logo o MIT App Inventor, produz o aplicativo após o sistema se encontrar online, o aplicativo contém as mesmas funcionalidades.

WordPress consiste em um Sistema de Gerenciamento de Conteúdo ou CMS - Content Management System, um software que facilita a criação, edição, organização e publicação de conteúdo na internet. (WORDPRESS, 2017). Os Sistemas de Informações Geográficas (GIS), atuam na captura, armazenamento e processamento de dados baseado na localização da superfície na Terra, possuindo vasta gama de dados, potencial analítico, conferindo assim ao espectador novas perspectivas ao analisar determinada área Terrestre com tal tecnologia geográfica. (GIS, 2017).

O Google Maps compreende um sistema de informações geográficas, disponibilizado pela Google, utilizado para georreferenciamento e mapeamento virtual a nível global. (GOOGLE, 2017a). Street View é um recurso do Google Maps que disponibiliza imagens panorâmicas de 360° horizontalmente, e 290° verticalmente, em regiões específicas do mundo. (GOOGLE, 2017b). O Street View atuou no processo de captura de imagens e demais pelo autor.

MIT App Inventor consiste em um ambiente de programação visual, dedicada ao desenvolvimento de aplicativos funcionais para smartphones e tablets, baseado em programação de blocos, sendo a ferramenta responsável por gerar o aplicativo @llaki. (MIT, 2017).

3.1 Método de Desenvolvimento

Para o desenvolvimento do Software, foi utilizado o sistema de informações geográficas Google Maps, o sistema gerenciador de conteúdos WordPress, juntamente com a plataforma de desenvolvimento de softwares móbile MIT App Inventor, adotando os seguintes passos:

Figura 2 Diagrama Metodológico.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

1° Mapeamento da Fronteira: Utilizando o sistema de informações geográficas

Google Maps, disponibilizado pela Google, sendo a ferramenta responsável por gerar o mapa virtual da Fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. **2º Pinagem dos Locais:** Por meio do sistema gerenciador de conteúdos WordPress, o usuário acessa o painel e cadastra os locais. Após o cadastro, o sistema de informações geográficas Google Maps, incluí o que foi cadastrado no mapa virtual.

3° Integração Multiplataforma: O mapa virtual (Google Maps) se encontra inserido no sistema web, sobre a qual o sistema gerenciador de conteúdos (WordPress) administra, logo ambos atuam mutuamente. **4° Disponibilização:** Por se encontrar online com a possibilidade de localização tanto *localhost* quanto à *World Wide Web*, e possuir características de responsibilidade, se adequando a variáveis modelos de telas, acessível a Desktops, Laptops, Tablets, Smartphones e demais dispositivos que possuem conexão com a internet e um Sistema Operacional compatível. Para a criação do aplicativo, foi utilizado a plataforma MIT App Inventor, conectando o aplicativo gerado ao WordPress.

3.2 Método de Utilização

Apresentando a tela inicial do sistema, para o acesso do administrador é informado nome ou e-mail e senha. O usuário, opta pela região desejada, recebendo ampla visão do funcionamento do sistema conforme demonstrado na Figura 3. **1º Passo:** O Administrador do sistema cadastra locais, categorias, regiões, páginas e zela pelo correto funcionamento do sistema. Acessa a tela de administração, seleciona o botão "Login", informa seu nome ou e-mail e senha.

Figura 3 Tela inicial do sistema.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Apresentando a tela de inserção de categoria, o administrador cadastra as categorias desejadas, conforme demonstrado na Figura 4. **2º Passo:** Na tela de administração do

sistema, no menu é exibido a tela de cadastro de categorias, o administrador informa o nome da categoria, descrição, imagens e a mesma é adicionada.
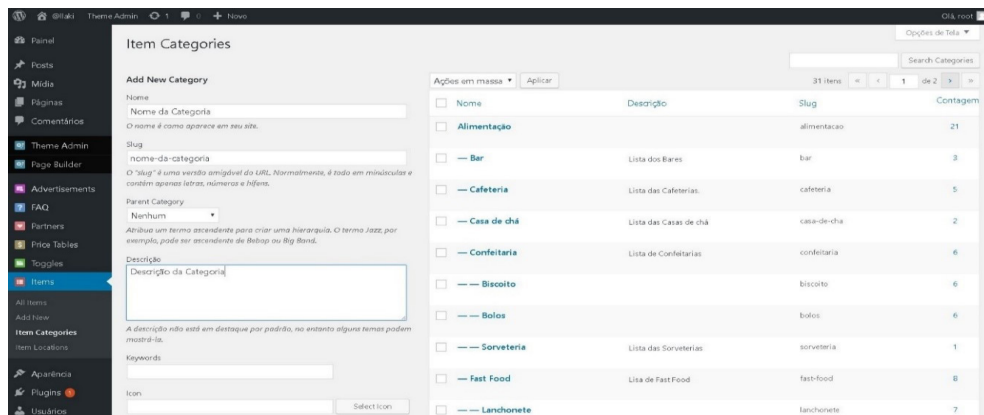
Figura 4 Tela de inserção de categoria.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Apresentando a tela de inserção de locais, o administrador cadastra os locais desejados, conforme demonstrado na Figura 5. **3º Passo:** Na tela de administração do sistema, existe a tela de cadastro de Locais, o administrador informa o nome do local, a qual categoria pertence, descrição, imagens, endereço, geolocalização, horários e o local é adicionado.
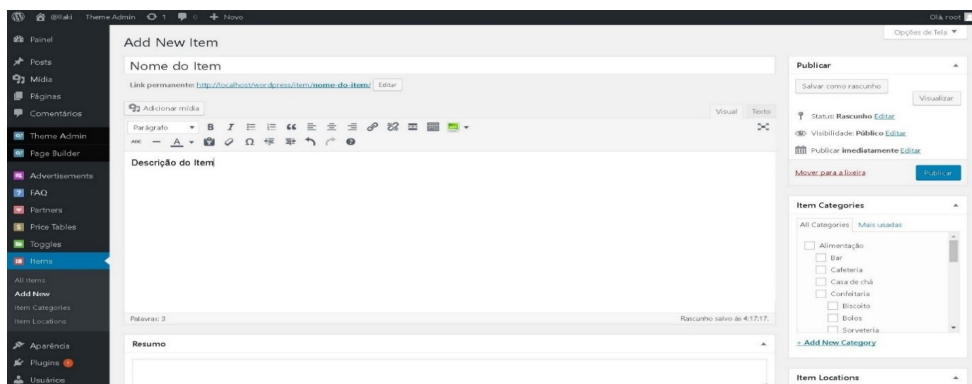
Figura 5 Tela de inserção de locais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Apresentando a tela de inserção de região, o administrador cadastra às regiões desejadas, conforme demonstrado na Figura 6. **4º Passo:** Na tela de administração do

sistema, realiza-se o cadastro das Regiões, o administrador informa o nome da região e qual categoria ele pertence, descrição, imagens e a região é adicionada.
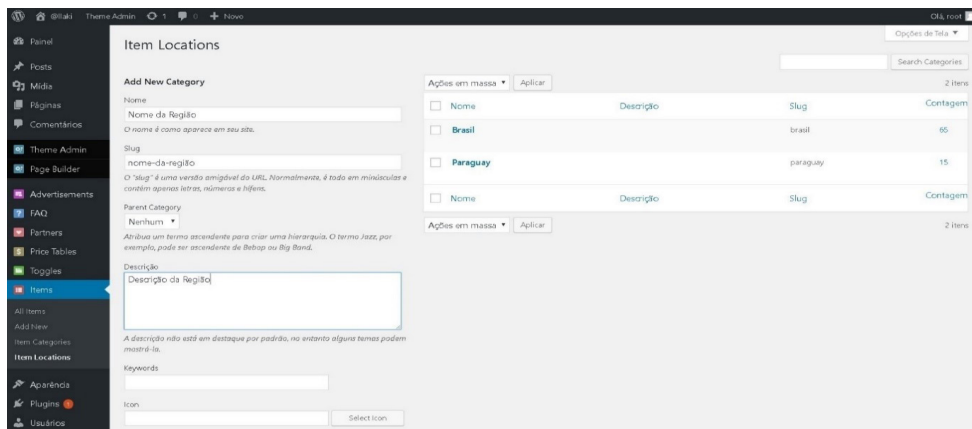
Figura 6 Tela de inserção de região.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

5º Passo: O usuário no menu lateral esquerdo seleciona a região, Brasil remete à Ponta Porã, Paraguay direciona à Pedro Juan Caballero, conforme demonstrado na Figura 7. Usuários que não possuem privilégios administrativos no sistema, acessam às telas visualizadas deste momento em diante.
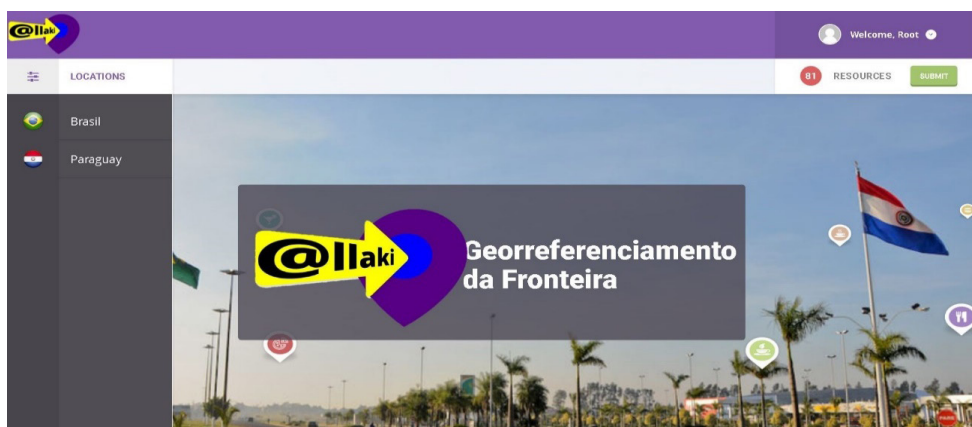
Figura 7 Tela inicial do sistema.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Na tela de busca o usuário pesquisa os locais desejados, mediante a utilização de recursos de pesquisa, conforme demonstra a Figura 8. **6º Passo:** É exibido à lateral

esquerda, o menu de categorias que foram cadastradas, alimentação, compras, hotelaria, serviços públicos, transporte, turismo. Ao centro é listado todos os locais cadastrados na região escolhida. À direita existe o mapa virtual que apresenta todos os pontos marcados da região escolhida.
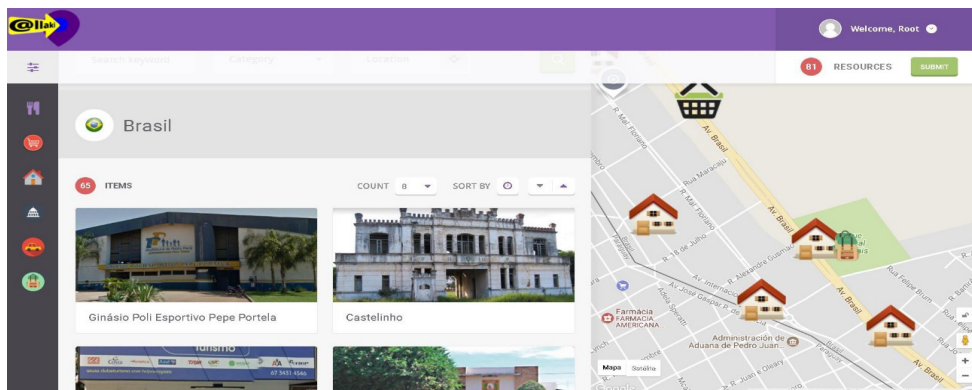
Figura 8 Tela de busca.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

A tela de busca de categorias, possibilita o usuário escolher entre as subcategorias existentes, da categoria selecionada anteriormente, conforme demonstrado na Figura 9. **7º Passo:** Após no menu lateral esquerdo selecionar uma categoria, é exibido no centro superior subcategorias para selecioná-las, no centro inferior é listado todos os locais da categoria selecionada. À direita existe o mapa virtual identificando os locais, mediante o ícone da subcategoria.
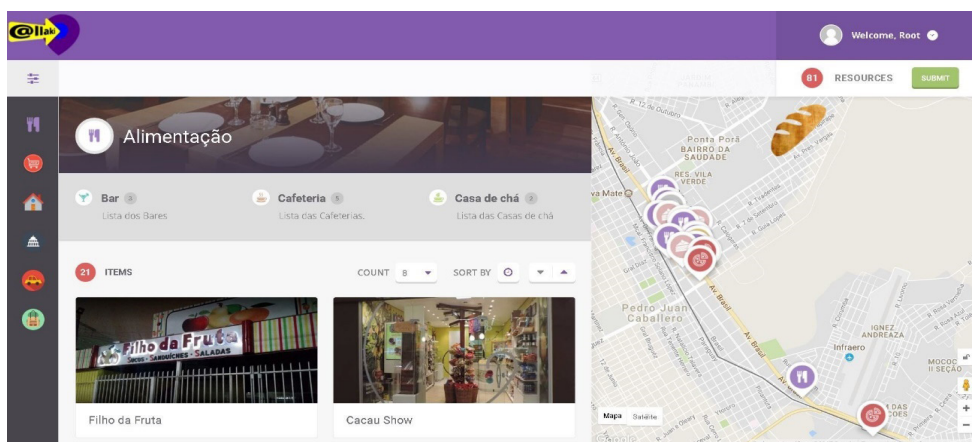
Figura 9 Tela de busca categoria.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

A tela de subcategoria, expõe exclusivamente a subcategoria da categoria selecionada e seus respectivos locais, conforme demonstrado na Figura 10. **8º Passo:** Após selecionar a subcategoria, apenas os locais pertencentes a ela são listados no centro inferior, juntamente no mapa virtual à direita.
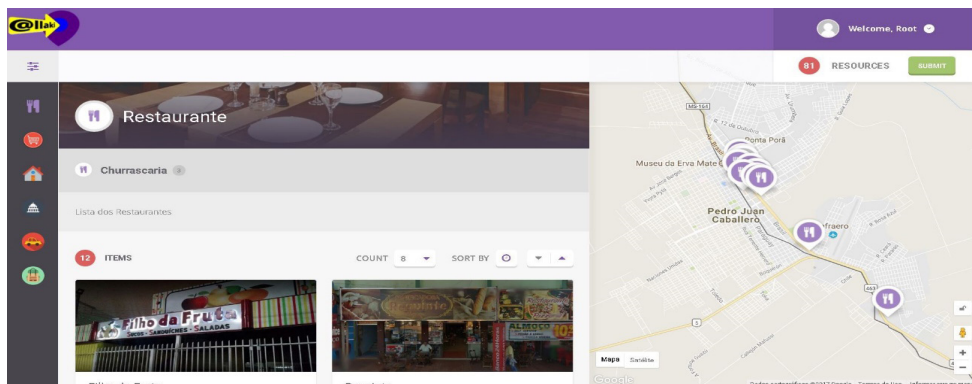
Figura 10 Tela de subcategoria.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

A tela do local, o item selecionado é detalhado, fornecendo informações visuais, textuais e geográficas do estabelecimento, conforme demonstrado na Figura 11. **9º Passo:** Após selecionar o local, a página do mesmo é exibida com informações visuais, com a fotografia do local, para que o usuário identifique visualmente, informações textuais, contendo a descrição do local, horário de atendimento, endereço, telefone, redes sociais e informação geográfica, presente no mapa virtual à direita.
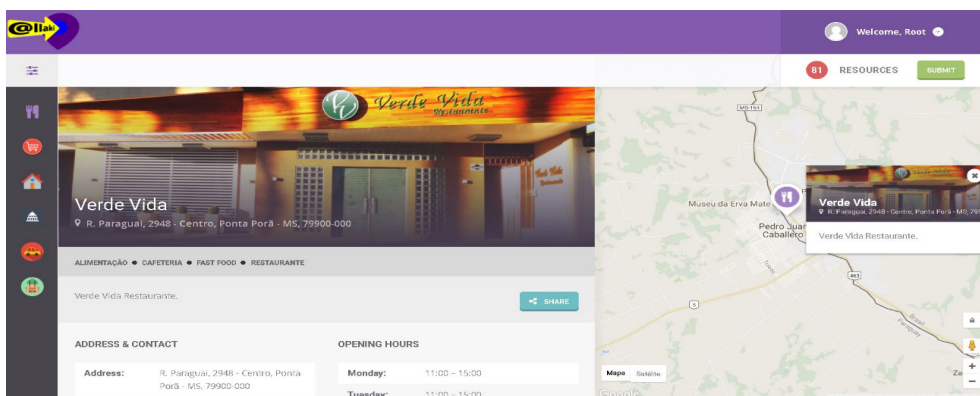
Figura 11 Tela do local.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Utilização do aplicativo móbile conforme a Figura 12. Todos os passos anteriores se aplicam ao acessar o sistema em ambiente móvel.
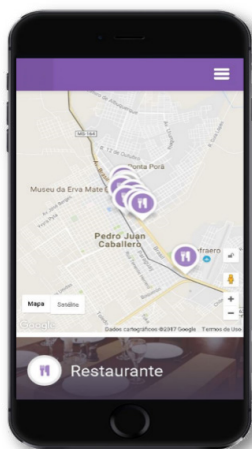
Figura 12 Tela do local na aplicação móvel.

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Logo o aplicativo auxilia o usuário como um mapa interativo, portátil, versátil e gratuito, tornado a jornada turística mais inteligente e significativa.

4 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho, possibilitou a integração de um sistema de informações geográficas, juntamente com um sistema de gerenciamento de conteúdo e a criação de um aplicativo móvel capaz de visualizar os sistemas supracitados, também presente nas redes sociais. Visando à implementação da tecnologia no âmbito turístico, para elevar o contato da população residente e visitante com a região para o encontro das localidades.

Sugestiona-se incrementos posteriores, com novos projetos tecnológicos em outras fronteiras entre o território brasileiro e estrangeiro para um turismo inteligente em maior escala. Salientando a necessidade e importância, da realização de georreferenciamentos da região onde vivemos, em que geralmente o processo é realizado pelo responsável do estabelecimento, ou por um indivíduo que se dispõe a georreferenciar grande parte desses estabelecimentos.

O trabalho conclui seu objetivo de desenvolvimento da elaboração do sistema, de modo a facilitar a localização de estabelecimentos da fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, tendo uma fonte confiável e segura de todos os locais cadastrados,

promovendo assim a visibilidade de regiões que não estão inseridas em mecanismos de pesquisa, proporcionando maior alternativa para a população turística e regional.

REFERÊNCIAS

ALOVISI, Alves Alexandre; ANDRADE, Ana Paula Vieira de; MATOSO, Armando Luis. **GEO Ponta Porã: Perspectivas para o meio ambiente urbano.** [S.l.]: PNUMA - Programa das Nações Unidas Para O Meio Ambiente, UN-HABITAT - Programa das Nações Unidas Para Os Assentamentos Humanos, ISER - Instituto de Estudos da Religião, Ministério das Cidades, 2010. Disponível em: http://www.pnuma.org/deat1/pdf/2010%20-%20GEO%20Ponta%20Pora.pdf. Acesso em: 04 set. 2016.

ARAUJO, Filho Robson; PEREIRA, Carneiro Filho Camilo; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. **Planejamento urbano e territorial em cidades gêmeas na fronteira Brasil-Paraguai**: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. In: CONTINI; CARNEIRO; PREUSSLER. (Org.). Fronteiras e Direitos Humanos em perspectiva. 1ed.Curitiba-PR: Editora Íthala, 2019, v. 1, p. 133-148.

BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**: Coleção Turismo. 17. ed. Campinas: Papirus, 2008. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=i1aAnj_QQPIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 20 jul. 2017.

CARDONA, Sacha Aníbal. Institucional: **Historia de Pedro Juan Caballero**. Disponível em: http://www.municipalidadpjc.gov.py/historia.php. Acesso em: 10 abr. 2017.

CONCEITO Ideal: **QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DE UM BOM LAYOUT PARA UM SITE?** Disponível em: http://www.conceitoideal.com.br/Sites/quais-sao-as-caracteristicas-de-um-bom-layout-para-um-site.html. Acesso em: 06 ago. 2017.

CURY, Alan. Instituto de Arquitetos do Brasil: **Conurbação e Perímetro Urbanos**. Disponível em: http://www.iab.org.br/artigos/conurbacao-e-perimetro-urbanos. Acesso em: 10 ago. 2017.

GIS (geographicinformation system): **Geospatial Information System**. Disponível em: http://www.nationalgeographic.org/encyclopedia/geographic-information-system-gis/. Acesso em: 10 abr. 2017.

GOOGLE Maps APIs: **Google Maps para todas as plataformas**. Disponível em: https://developers.google.com/maps/?hl=pt-br. Acesso em: 03 ago. 2017a.

GOOGLE Street View: **ONDE ESTIVEMOS E PARA ONDE VAMOS**. Disponível em: https://www.google.com/streetview/understand/. Acesso em: 06 ago. 2017b.

KUKIEL, Éder Damião Goes; SILVEIRA, Claudia Vera. A culinária de fronteira como elemento de União entre povos: O caso da sopa paraguaia na Fronteira entre brasil e paraguai e brasil e Bolívia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, [s. l.], v. 47, ed. 1, p. 201 – 224, 2020. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/102282/59720. Acesso em: 6 out. 2022.

MIT App Inventor: **Anyone Can Build Apps That Impact the World**. Disponível em: http://appinventor.mit.edu/explore/#. Acesso em: 03 ago. 2017.

MOESCH, Marutschka. **A origem do conhecimento, o lugar da experiência e da razão na gênese do conhecimento do turismo**. Artigo extraído da tese de doutoramento em comunicação, Título Epistemologia Social do Turismo. ECA/USP/SP. 2004.

OMT. **Introducción al Turismo:** Organización Mundial del Turismo. [S. l.: s. n.], 1998. E-book.

PERETTI, Shana Lehenbauer; MEGIOLARO, Ana Paula. **O PAPEL DA MÍDIA NO TURISMO**: Estudo das repercussões e dos possíveis reflexos de quatro notícias, amplamente divulgadas pelos meios de comunicação. 2011. Mestrado e Turismo da UCS (II Encontro Semintur Jr.) - Centro Universitário Metodista, do IPA, Universidade de Caxias do Sul, 2011. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/04_o_papel_da_midia.pdf. Acesso em: 06 ago. 2017.

REGISTROS HISTÓRICOS: **Histórico da emancipação político-administrativa de Ponta Porã**. Disponível em: http://pontapora.ms.gov.br/v2/registros-historicos/. Acesso em: 04 abr. 2017.

SAMPAIO, Sofia. Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v.17, n.1, p.167-182, 2013.

TOURISM Tidbits: **Turismo no mundo da tecnologia**. Disponível em: http://www.tourismandmore.com/tidbits/turismo-no-mundo-da-tecnologia/. Acesso em: 06 ago. 2017.

TURISMO. **Turismo de Aventura**. Disponível em: http://www.ecobrasil.org.br/turismo/turismo-aventura. Acesso em: 07 abr. 2017a.

TURISMO. **O Que é o turismo de natureza?** Disponível em: http://mentesemaccao.blogs.sapo.pt/10262.html. Acesso em: 09 abr. 2017b.

TURISMO. **Turismo Cultural**. Disponível em: http://turismo.mg.gov.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=297. Acesso em: 09 abr. 2017c.

TURISMO. **Turismo de Compras.** Disponível em: http://www.bigviagem.com/turismo-de-compras/. Acesso em: 09 abr. 2017d.

VILELA, Graziele Júnia Pereira; COSTA, Helena Araújo. Políticas Públicas de Turismo: Uma análise dos planos nacionais de turismo do Brasil (2003- 2022). **Revista Turismo em Análise - RTA**, [s. l.], v. 31, ed. 1, p. 115-132, 2020. DOI http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v31i1p115-132. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rta/article/download/147341/165314/451271. Acesso em: 5 out. 2022

WIRES, Douglas. **BASTIDORES DO TURISMO**: TURISMO SUSTENTADO POR MENTIRAS NA MÍDIA. Disponível em: http://bastidoresdoturismo.blogspot.com.br/2008/03/turismo-sustentado-por-mentiras-na-mdia.html. Acesso em: 06 ago. 2017.

WORDPRESS: **About WordPress**. Disponível em: https://wordpress.org/about/. Acesso em: 04 ago. 2017.

CAPÍTULO 6

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM: A UTILIZAÇÃO DO APLICATIVO MAPCHART EM SALA DE AULA NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

Data de aceite: 01/11/2022
Data de submissão: 11/10/2022

Damião Amiti Fagundes
Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad San Carlos (PY)
Professor da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo-SEDU
http://lattes.cnpq.br/4736934880317261

Ana Eugenia González Chena
Orientadora professora Dra. Ana Eugenia González Chena, da Universidad San Carlos (PY)

RESUMO: O presente artigo busca resgatar através de uma prática exitosa em sala de aula, a relevância da disciplina de Geografia em tempos do desmonte da educação e da não mais obrigatoriedade de ensinar de Geografia no currículo escolar no Ensino Médio. Objetivando resgatar a práxis da Geografia de que se ensina em sala de aula, a pesquisa aponta que através de práticas exitosas em sala de aula, como a realizada com o aplicativo MapChart, pode ser uma forma de valorizar a disciplina de Geografia no mundo da Cultura Digital. Utilizando o método conhecido como Metodologias Ativas com a utilização das TCs em sala de aula, resgatamos a interface da disciplina de Geografia com a utilização de novas Tecnologias. Conclui-se que através de práticas motivadoras podemos resgatar o papel da Geografia enquanto disciplina central do processo de ensino aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologias Ativas. Ensino de Geografia. Educação**.**

ACTIVE METHODOLOGIES IN TEACHING-LEARNING: THE USE OF THE MAPCHART APPLICATION IN THE CLASSROOM IN THE SUBJECT OF GEOGRAPHY

ABSTRACT: This article seeks to rescue, through a successful practice in the classroom, the relevance of the discipline of Geography in times of the dismantling of education and the no longer mandatory to teach Geography in the school curriculum in High School. Aiming to rescue the praxis of Geography that is taught in the classroom, the research points out that through successful practices in the classroom, such as the one carried out with the MapChart application, it can be a way of valuing the discipline of Geography in the world of Culture. Digital. Using the method known as Active methodologies with the use of CTs in the classroom, we rescued the interface of the Geography discipline with the use of new Technologies. It is concluded that through motivating practices we can rescue the role of Geography as a central subject of the teaching-learning process.

KEYWORDS: Active Methodologies. Teaching Geography. Education.

1 | INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a educação passou por muitas mudanças no processo de ensino-aprendizagem, onde as Metodologias Ativas invadiram as salas de aulas, como suporte para

que o professor prepare aulas mais motivadoras e ligadas à realidade dos alunos que vivem na geração da Cultura Digital 4.0.

Desde 2017, com a aprovação da Lei 13.415, que alterou a Lei de Diretrizes e Base da Educação brasileira, muitas mudanças estão ocorrendo com a implementação do Novo Ensino Médio.

A partir daí o ensino de Geografia tornou-se não obrigatório no Ensino Médio e os professores viram sua carga horária da disciplina diminuírem ou deixarem de existir no currículo em várias Unidades da Federação.

A História da Educação nos mostra que desde tempos passados muitas reformas educacionais atacaram a disciplina de Geografia, a exemplo no período da Ditadura Militar (1964-1985), com a aprovação da lei número 5.692 de 1971, que criou o Estudos Sociais, curso de Licenciatura de curta duração onde os professores lecionavam História e Geografia integrados no curso de Estudos Sociais, Organização Política do Brasil e Moral e Cívica.

Nesse período, a Geografia era tratada pelas Escolas Novistas como uma disciplina que enaltecia os valores morais e civis da nova concepção de nacionalismo e territorialidade.

Conforme sabermos a utilização de Metodologias Ativas em sala de aula, é uma forma de dinamizar o ensino e fazer com que os educandos tenham uma aula mais prazerosa, uma vez que temos uma nova geração que está conectada com o mundo digital o tempo todo.

Conforme salienta Diesel, Baldez e Martins (2017, p. 271) nesse tipo de estratégia de aprendizagem o aluno deixa sua tradicional postura passiva na educação para ser um sujeito ativo no processo educativo e produtor de conhecimento.

Vivenciando vasta experiência como professor de Geografia em sala de aula ao longo dos anos, sabe-se da importante participação dos alunos, para que as aulas sejam campo de debate e produção do saber.

Sendo assim o objetivo do artigo é inferir que as Metodologias Ativas são relevantes para serem trabalhadas em diversos temas na disciplina de Geografia, levando ao educando participarem utilizando sua criatividade com aplicativos gratuitos como o MapChart.

2 | DESENVOLVIMENTO

No Espírito Santo, assim como em outros estados do Brasil, os currículos foram reformulados a partir da aprovação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que é um documento que norteia os currículos.

Assim na matriz curricular do ensino médio, a disciplina de Geografia em escolas de ensino parcial e integral passaram a ser ministrada a partir do 2° ano e em alguns cursos técnicos aparece somente no 2°ano. Isto é fruto da reforma do Novo Ensino Médio, onde acontece a redução de carga horária das disciplinas de Ciências Humanas, em contraposição temos a inclusão das disciplinas de Projeto de Vida, Eletivas e Estudos

Orientados.

Na BNCC o ensino de Geografia é apresentado em eixos de conhecimentos geográficos, não levando em conta as mudanças que passam a sociedade e a educação na contemporaneidade e a cientificidade da Geografia, enquanto mediadora do saber.

É um documento que esvazia os conteúdos epistemologicamente relevantes para os estudos geográficos e sua relação com a territorialidade e o poder.

Para Diesel; Baldez e Martins (2017, p. 267)

> As transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas das últimas décadas têm impactado de forma significativa a vida das pessoas, as relações estabelecidas entre elas, o mundo do trabalho e, por conseguinte, a escola. Esta última talvez seja a que mais tem sido "sacudida", dada a solidez histórica de sua estrutura (DIESEL; BALDEZ & MARTINS, 2017, p.267).

Somos frutos destas transformações que passam o mundo hoje, e não podemos negar que a educação precisa estar conectada com as transformações da geração digital.

Por outo lado, hoje a maior dificuldade é apresentar os conteúdos de Geografia de forma dinâmica, fazendo com que o aluno tenha mais interesse em aprender e ver a Geografia não como uma disciplina estanque e enfadonha, mas que servirá para sua formação e no enfrentamento da exclusão social.

Estamos em tempos de reforma no ensino médio, a qual atingiu em cheio a disciplina de Geografia, bem como o que se ensina e é ensinado.

Assim a utilização de Metodologias Ativas na disciplina de Geografia é uma forma de ressignificar a importância da disciplina em sala de aula.

Nesse sentido destaca-se o seguinte:

> A principal finalidade desta metodologia é a de fazer com que os estudantes produzam conhecimento por meio de desafios e solução de problemas. Neste caso, o discente precisa se esforçar para explorar as soluções possíveis dentro de um contexto específico, utilizando-se de diversos recursos disponíveis (SOUZA; VILAÇA; TEIXEIRA, 2020, p. 35).

E ainda os autores ressaltam que:

> Seja dentro da sala de aula ou on-line, com a metodologia ativa os estudantes interagem uns com os outros, trocando conhecimentos e experiências sobre determinado conteúdo com a intervenção pontual dos professores, que são facilitadores das discussões e aprendizados sobre o tema. A metodologia ativa enfatiza a importância da experiência para o aprendizado, de 38 | Métodos e Práticas para o Século XXI modo que a vivência traga a eficiência do que chamamos de aprender na prática. (SOUZA; VILAÇA; TEIXEIRA, 2020, p. 37).

Assim, com estas mudanças da implementação do Novo Ensino Médio, urge a necessidade de sermos professores mais criativos em sala de aula, tendo como estratégias metodologias que facilitam o ensino-aprendizagem dos alunos.

A visão estereotipada que a disciplina de Geografia é apenas decoreba de nomes de capitais e rios, são consolidadas em um ensino tradicional que há muito tempo deixou

de existir nos espaços escolares, nos anos 90 do século XX, a Geografia Crítica fez parte dos currículos escolares e dos manuais didáticos.

Numa nova ótica de ensinar Geografia, nos reportamos a Claval (2014):

> Fazer Geografia é aprender a ser maravilhar com o espetáculo do mundo. È mais difícil do que você pensa. As paisagens se impõem a nós com força da evidência. O que os torna específicos? Como eles se parecem com aqueles que vimos em outros lugares? O mesmo problema com as pessoas, com seus hábitos, com sua percepção e sua visão do mundo (CLAVAL 2014, p. 02).

Deste modo, Claval (2014) pensa Geografia como lugar de transformação e um divisor de águas entre as mudanças do mundo e como instrumento de luta para fortalecimento da disciplina de Geografia.

Sabe-se que a Geografia é parte integrante da vida em sociedade e que faz uma análise da territorialidade do espaço geográfico como um todo. No aporte teórico da disciplina de Geografia temos o grande Milton Santos (1995) que nos faz refletir.

> Vivemos um novo período na história da humanidade. A base dessa verdadeira revolução é o progresso técnico, obtido em razão do desenvolvimento científico e baseado na importância obtida pela tecnologia, a chamada ciência da produção. Todo o planeta é praticamente coberto por um único sistema técnico, tornado indispensável à produção e ao intercâmbio e fundamento do consumo, em suas novas formas.
>
> Graças às novas técnicas, a informação pode se difundir instantaneamente por todo o planeta, e o conhecimento do que se passa em um lugar é possível em todos os pontos da Terra.
>
> A produção globalizada e a informação globalizada permitem a emergência de um lucro em escala mundial, buscado pelas firmas globais que constituem o verdadeiro motor da atividade econômica (SANTOS, 1995, p. 01).

Esse novo tempo mencionado acima pelo geógrafo Milton Santos, como ele diz é fruto de um processo de avanço técnico científico informacional, onde o educador também sente impactos em sua disciplina que evidencia as agruras de uma sociedade gerida pelo capital.

Assim é fundamental as lutas por melhores salários e a manutenção da disciplina de Geografia como obrigatória em todos os anos do Ensino Médio, temos que resistir, pois segundo Mendonça e Fialho (2019, p.09) “a atual reforma do ensino médio representa um retrocesso, quando comparada a LDB anterior, que resultou de inúmeros debates, com diferentes atores, assim afirmam especialistas da Educação brasileira e de outros países.”

3 I PERCURSO METODOLÓGICO

Leva-se em conta de o ensaio apresentar um estudo qualitativo que utilizando como estratégia de ensino as Metodologias Ativas da educação, que valorize as experiências dos alunos na utilização do aplicativo MapChart em sala de aula, nas aulas de Geografia.

A Escola Estadual Antônio Carneiro Ribeiro, está localizada no Sul do Espírito Santo

na região Sul do Caparaó Capixaba. Possui em média mais de quatrocentos alunos e o estudo foi realizado com os alunos das turmas do 2° ano do Ensino Médio. A concepção de ensinar Geografia com Metodologias Ativas foi no intuito de interagir com os alunos na nova realidade em que eles vivem, ou seja conectados ao mundo virtual.

Para o desenvolvimento da atividade, foram solicitados aos alunos para baixar o aplicativo MapChart no celular, veja a figura 1.
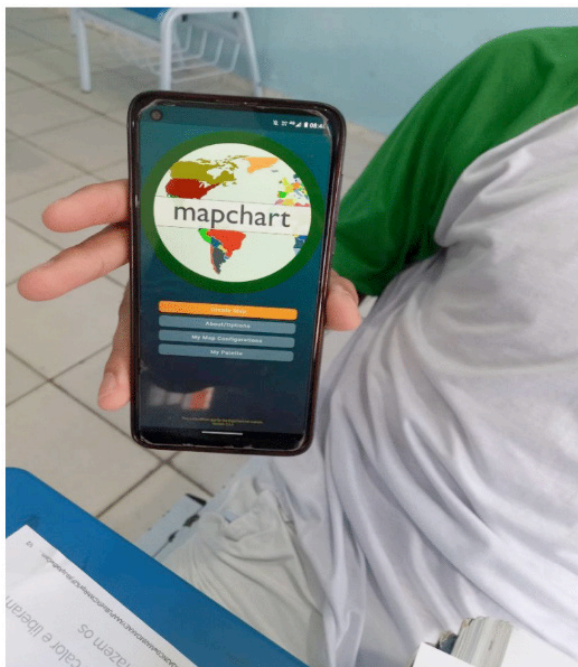
Figura 01: Aplicativo na sala de aula.

Fonte: Primária, 2022.

E depois foi solicitado que eles, com muita criatividade e dentro das convenções cartográficas, criassem um mapa seja ele político, físico ou humano com a utilização do aplicativo que é de fácil acesso e manuseio, vide figura 2, 3 e 4, contendo título, legenda e escala cartográfica.

Uma vez que trabalhar com a utilização de cartografia tendo o celular como instrumento de produção cartográfica, leva aos alunos a repensarem a utilização do celular como um instrumento de ensino-aprendizagem.

Para os pesquisadores Baggio e Campos (2017, p. 05)

> A atividade cartográfica já era conhecida na pré-história, antes da invenção da escrita, quando o homem utilizava desenhos de várias formas e em diferentes lugares para marcar suas histórias. Assim teve início símbolos gráficos que contribuíram e ainda hoje contribuem para o conhecimento e a representação

> do espaço geográfico, sendo uma importante ferramenta usada pelo homem para conhecer e organizar suas ocupações (BAGGIO e CAMPOS, 2017, p. 05).

Como os autores dizem, ensinar a cartografia na sala de aula, é uma forma de letramento do espaço geográfico, fazendo com que os alunos percebam a representação do lugar em que vivem.
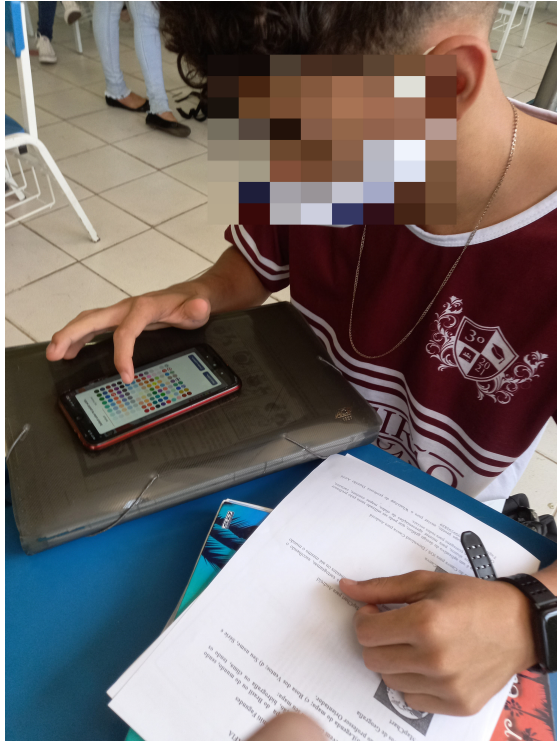
Figura 02: Aluno no processo de criação no MapChat.

Fonte: Primária,2022

Desta forma os autores ainda chamam atenção que:

> A escola reflete os conflitos da sociedade e transmitir os conteúdos geográficos é um grande desafio para nós, professores. Embora nas últimas décadas o ensino da Geografia tenha passado por muitas transformações, ainda são grandes os problemas em relação aos materiais cartográficos. Muitas escolas não têm mapas, atlas, globos, enfim, materiais que são indispensáveis para as aulas de Geografia, quando se trabalha cartografia. Outras têm esses materiais, porém desatualizados, não contando com recursos financeiros para modernizá-los. Algumas ainda são precárias quanto aos laboratórios de informática, onde poderiam ser trabalhados os conteúdos cartográficos de forma concreta (BAGGIO e CAMPOS, 2017, p. 06).

Concordamos com os pesquisadores Baggio e Campos, com sua fala acima que ainda existe muita precariedade no âmbito escolar e inúmeras dificuldade do professor em trabalhar a alfabetização cartográfica. Mas como o uso do celular. tornou-se popular nos últimos anos, podemos utilizá-los como uma ferramenta para iniciar os alunos nos estudos cartográficos bem como em outros temas da Geografia.

Figura 03: Aluna no processo de criação no MapChart

Fonte: Primária,2022

Na figura 04 abaixo, produzida por um aluno utilizando o aplicativo MapChart, podemos perceber que esta iniciação cartográfica é relevante, pois os alunos vão descobrindo novos espaços geográficos, como países e continentes. Tendo o professor como mediador do conhecimento os alunos reconhecem que o espaço geográfico é múltiplo e produzido conforme uma ideologia de poder.
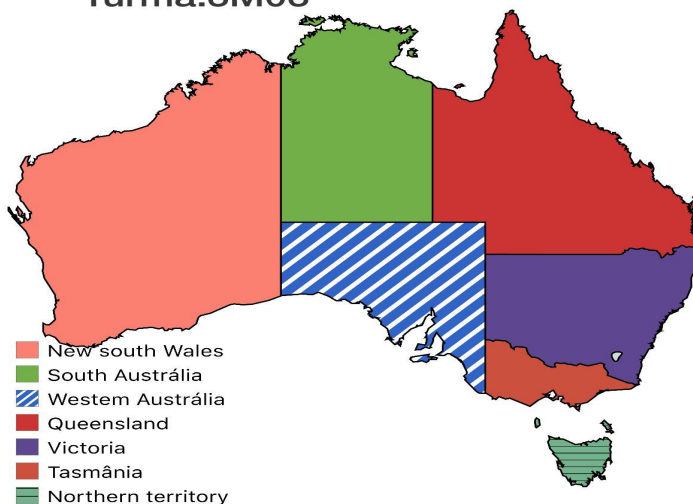
Figura 04: Produção final dos alunos com a utilização do MapChart

Fonte: Primária, 2022.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o processo da análise dos resultados de trabalhar o aplicativo nas aulas de Geografia, entendemos que fazemos também um exercício de poder, onde o aluno apropria-se de sua criatividade para representar o espaço geográfico cartograficamente, com baixo custo e com uma tecnologia moderna.

Nossa sociedade está marcada pela apropriação do modo de produção capitalista, e a cartografia representa bem o modo de como vemos o mundo e suas contradições.

Percebe-se então nas palavras de Braga (2017, p48) que

> Partindo da análise de que o homem se faz homem a partir do momento em que se vê coagido pela natureza a produzir suas condições materiais de existência e sobrevivência é que Marx concluirá então que a consciência não pode ser outra coisa senão o ser consciente, ou seja, o ser humano é o seu processo histórico de engendramento. O ser humano é o produtor de suas ideias, mas o ser humano concreto e histórico que tal 11 como se acham condicionados pelo "modo de produção" (Braga, 2017, p. 48)

E ainda afirma

> O ser consciente deve buscar mecanismos intelectuais capazes de apreender, analisar e compreender a realidade social. Porém, devido aos interesses de classe da burguesia sua consciência possui limites intransponíveis, ela não avança para além das fronteiras do capital visto que isso representaria sua abolição enquanto classe. Já o proletariado se vê coagido, devido

> à exploração na qual ele está submetido na sociedade capitalista, a compreender corretamente a realidade social desenvolvendo a partir da luta sua consciência de classe de forma dialética: afirmando-se como proletariado e ao mesmo tempo negando-se como proletariado (Braga ,2017, p. 50).

A realidade é que muito dos nossos alunos vem da classe trabalhadora e nós professores possuimos a missão de dialogar com eles de forma dialética, estas contradições da chamada "civilização da Cultura Digital". Sabemos que em muitos lugares do Brasil o acesso a internet e alunos com celulares é bastante remota, mas não podemos deixar de sermos criativos ao trabalharmos temas como cartografia em sala de aula e o aplicativo MapChart é bem fácil de ser utilizado.

É importante como narra Moran (2014), ao afirmar que

> Os avanços tecnológicos trazem para a escola a possibilidade de integrar os valores fundamentais, a visão de cidadão e mundo que queremos construir, as metodologias mais ativas, centradas no aluno com a flexibilidade, mobilidade e ubiquidade do digital. Um dos modelos mais interessantes de ensinar hoje é o de concentrar no ambiente virtual o que é informação básica e deixar para a sala de aula as atividades mais criativas e supervisionadas. É o que se chama de aula invertida. A combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais, jogos, com a aula invertida é muito importante para que os alunos aprendam fazendo, aprendam juntos e aprendam, também, no seu próprio ritmo. Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos cada vez estão mais presentes no cotidiano escolar. Para gerações acostumadas a jogar, a de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber (MORAN ,2014, p.21).

Não podemos negar a presença da tecnologia em sala de aula hoje, como diz o autor citado acima ao afirmar a interatividade das novas tecnologias na Educação. O professor de Geografia, seja da escola pública ou privada pode utilizar desse aplicativo para incrementar suas aulas e caminhar numa desconstrução de mundo em que vivemos. Basta ter criatividade.

5 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão, o presente estudo proporcionou-nos refletir sobre o papel da tecnologia nos estudos cartográficos em sala de aula.

Repensamos nosso lugar no espaço geográfico a medida que levamos ao aluno pensar seu lugar como sujeito transformado da realidade social, tendo a disciplina de Geografia como ponto de partida, para repensarmos o mundo burguês dominado pela ideologia capitalista e do capital empresarial.

A utilização de aplicativos como o MapChart, poderá ser uma ferramenta útil em sala de aula, uma vez que é um aplicativo gratuito e de baixo custo, pois a presença de celulares em sala de aula é muito comum. Como ferramenta estratégica o MapChart contribuirá para fazer com que nossas aulas sejam exitosas e o aluno compreenda temas

pouco aprofundados como a cartografia nos currículos escolares.

Finalizamos esse trabalho com as palavras de Viana (2014, p.07)

> Marx coloca que a burguesia, ao se tornar classe dominante, faz a economia política recuar, substituindo a pesquisa política desinteressada, imparcial pela espachadaria mercenária. A luta de classes entre burguesia e nobreza culmina com a vitória da primeira e isso significa que a pesquisa agora é feita de acordo com seus interesses de classe (VIANA, 2014,p.07).

REFERÊNCIAS

BAGGIO, Lucilma Maria; CAMPOS ,Ricardo Aparecido. **Aproximando conceitos e práticas no ensino da Geografia com o uso de recursos tecnológicos**. PDE: Jacarezinho – Paraná 2017. Disponível em http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_geo_uenp_lucilmamariabaggio.pdf. Acesso em: 09 out. 2022.

BRAGA Lisandro. **A Concepção Materialista da História**. Núcleo de Pesquisa Marxista (NPM) da Universidade Estadual de Goiás, 2021. Disponível em:< https://www.academia.edu/7477797/A_Concep%C3%A7%C3%A3o_Materialista_da_Hist%C3%B3>. Acesso em: 18 set. 2022.

DIESEL, Aline; Alda Leila Santos Baldez; Silvana Neumann Martins. **Os princípios das metodologias ativas de ensino**: uma abordagem teórica. Revista Thema 2017 | Volume 14 | Nº 1. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4650060/mod_resource/content/1/404-1658-1-PB%20%281%29.pdf. Acesso em: 09 out. 2022.

MENDONÇA, S.; FIALHO, W.C.G. **Reforma do Ensino Médio**: velhos problemas e novas alterações. Revista de Educação PUC-Campinas, v.25, e204626, 2020. http://dx.doi.org/10.24220/2318-0870v25e2020a4626. Acesso em: 09 out. 2022.

MORAN, Jose. **Mudanças necessárias na educação, hoje**. Ensino e Aprendizagem Inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, Jose. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. Campinas: Papirus, 21ª Ed. 2014; p. 21-29.

SOUZA ,Aliny Leda de Azevedo; VILAÇA, Argicely Leda de Azevedo, TEIXEIRA, Hebert José Balieiro. Os benefícios da metodologia ativa de aprendizagem na educação. IN: **Metodologias ativas**: métodos e práticas para o século XXI / Gercimar Martins Cabral Costa (Organizador). – Quirinópolis, GO: Editora IGM, 2020. Disponível em: https://editoraigm.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Metodologias-Ativas-m%C3%A9todos-e-pr%C3%A1ticas.pdf. Acesso em: 09 out. 2022.

VIANA, Nildo. **Marx e a Esfera Científica**. Revista Espaço Livre, v. 09, p. 10-23, 2014. Disponível em:< https://www.academia.edu/41817119/Marx_e_a_Esfera_Cient%C3%ADfica>. Acesso em: 18 set. 2022.

JÓFILI, Zélia. **Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola**. Educação: Teorias e Práticas. v. 2, n. 2, p. 191-208, dez 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma globalização mais humana", texto do geógrafo Milton Santos.** Disponível em: https://doceru.com/doc/sx5vc5. Acesso em 09 de out. 2022.

Revisão ortográfica e gramatical por: Ábia Costa Camacho (revisora de textos e copidesque).

SOBRE O ORGANIZADOR

ADILSON TADEU BASQUEROTE - Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina, com estágio de Doutoramento Sanduíche no Instituto de Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT/UL). Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Especialista em Práticas pedagógicas interdisciplinares: Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Médio (UNIFACVEST). Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e em Estudos Sociais- Geografia pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Professor no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI). Compõe o corpo editorial, científico e de pareceristas de editoras e revistas científicas na área de Ensino e de Educação Geográfica. Possui experiência na Educação Geográfica e Ambiental, dedicando-se em especial ao uso das TIDCs no Ensino e na aprendizagem, Ensino e Aprendizagem, Recursos didáticos. Paralelamente, pesquisa os seguintes temas: Agroecologia, Agricultura Familiar, Gênero em contextos rurais, Associações agrícolas familiares e Segurança alimentar. http://orcid.org/0000-0002-6328-1714

ÍNDICE REMISSIVO

A

B

C

D

E

F

G

H

I

L

M

O

P

R

S

T

Atena
Editora
Ano 2022
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br
Geografia:
A superfície do planeta Terra
em análise 2

Atena
Editora
Ano 2022
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br
Geografia:
A superfície do planeta Terra
em análise 2